

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
RONDÔNIA  
CAMPUS PORTO VELHO CALAMA  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE  
NACIONAL - PROFEPT**

**ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFRO: O  
QUE COMPREENDEM, EXPRESSAM E SUGEREM ACERCA DAS RELAÇÕES DE  
GÊNERO**

**JULIA DE SOUZA LOPES BASSO**

**PORTO VELHO  
2020**

JULIA DE SOUZA LOPES BASSO

**ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFRO: O QUE COMPREENDEM, EXPRESSAM E SUGEREM ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, área de concentração Educação Profissional e Tecnológica, linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jania Maria de Paula

## Ficha Catalográfica

B322m Basso, Julia de Souza Lopes  
Estudantes da educação profissional e tecnológica do IFRO: o que compreendem, expressam e sugerem acerca das relações de gênero / Julia de Souza Lopes Basso. – Cacoal: IFRO, 2020.  
125 p.; Il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jania Maria de Paula

1. Diversidade de gênero. 2. Estudantes. 3. Temas transversais. I. Paula, Jania Maria de (orient.). II. Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológico – ProfEPT. III. Título.

CDU 305

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Sheila da Cunha Alves CRB-11 1119, com os dados fornecidos pelo organizador

# CÓPIA DA ATA DE APROVAÇÃO

16/10/2020

SEI/IFRO - 1023926 - Ata



## ATA ATA 1/2020

### Anexo 4 – ATA DE DEFESA DO TCC DE MESTRADO

CANDIDATO: Júlia de Souza Lopes Basso

DATA DA DEFESA: 15/10/2020

LOCAL: defesa virtual via ferramenta Google Meet

HORÁRIO DE INÍCIO: 9:00 HORÁRIO DE TÉRMINO: 10:20 min.

NOME COMPLETO	FUNÇÃO	INSTITUIÇÃO DE ORIGEM
Profª Drª Jania Maria de Paula	Presidente	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
Profª Drª Lediane Fani Felzke	Membro interno ProfEPT	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
Profª Drª Isaura Isabel Conte	Membro Externo	Universidade Federal de Rondônia

TÍTULO DEFINITIVO DO TCC*:
Relações de gênero no âmbito educacional: o que pensam, dizem e sugerem estudantes da Educação Profissional e Tecnológica acerca dos papéis de gênero.

Em sessão pública, após exposição de 30 min, o(a) candidato(a) foi arguido(a) oralmente pelos membros da banca, durante o período de 60 min, . A banca chegou ao seguinte resultado\*\*:

( X ) APROVADO(A) ( ) REPROVADO(A)

\*\* Recomendações<sup>1</sup>:

Revisão gramatical e ortográfica e as considerações indicadas nos pareceres impressos e enviados à Candidata.

<sup>1</sup> O aluno deverá encaminhar à Coordenação do PROFEPT, no prazo máximo de 30 dias a contar da data da defesa, os exemplares definitivos do TCC, após realizadas as correções sugeridas pela banca.

Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima relacionada e pelo candidato.

Porto Velho, 15 de outubro de 2020.

Presidente:

Membro 1:

Membro 2:

Candidata:



Documento assinado eletronicamente por **Jania Maria de Paula, Professor(a) - EBTT**, em 15/10/2020, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lediane Fani Felzke, Professor(a) - EBTT**, em 15/10/2020, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isaura Isabel Conte, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julia de Souza Lopes Basso, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1023926** e o código CRC **2F61E766**.

# CÓPIA DA ATA DE APROVAÇÃO DO PRODUTO

16/10/2020

SEI/IFRO - 1023949 - Ata



## ATA 2/2020

### Anexo 5 – Ata de Avaliação do Produto

PRODUTOS(S) EDUCACIONAL(IS) GERADO(S) NO TRABALHO FINAL DE CURSO

CANDIDATA: Júlia Souza Lopes Basso

DATA DA DEFESA: 15/10/2020 LOCAL: via ferramenta Google Meeting)

HORÁRIO DE INÍCIO: 9:00 h

Declaramos que o Produto Educacional "Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual" foi julgado, validado e aprovado para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Rondônia.

Porto Velho, 15 de outubro de 2020.

Presidente:

Membro 1:

Membro 2:

Candidato (a):



Documento assinado eletronicamente por **Jania Maria de Paula, Professor(a) - EBTT**, em 15/10/2020, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lediane Fani Felzke, Professor(a) - EBTT**, em 15/10/2020, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isaura Isabel Conte, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Julia de Souza Lopes Basso, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

16/10/2020

SEI/IFRO - 1023949 - Ata



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ifro.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1023949** e o código CRC **28E1B458**.

---

Referência: Processo nº 23243.012969/2020-28

SEI nº 1023949

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu marido Weber que, há mais de quinze anos partilha amor e carinho, que me impulsiona a ser uma pessoa melhor, e ao seu apoio no decorrer do mestrado evidenciando minha capacidade de finalizar esse trabalho.

À minha filha Letícia, e aos meus filhos Marcos e Mateus pelo amor e carinho recíprocos e por compreenderem a minha ausência durante o mestrado.

À minha família, ao meu pai João, e à minha mãe Zilda, pelo apoio, amor e carinho.

À minha orientadora Jania, que colaborou desde o início para construção e desenvolvimento deste trabalho, sendo fundamental para sua concretização, pelas palavras de carinho, de incentivo e muitas vezes de conforto, por mostrar a importância de minha contribuição para a transformação social, estimulando-me a ser uma pesquisadora melhor, uma pessoa melhor e, incentivando transformações nas minhas percepções de mundo, mostrando que é preciso desconstruir para então reconstruir mais perfeito.

À professora Lediane, que me inspirou a trabalhar com esse tema e me fez compreender a importância deste trabalho ser desenvolvido dentro do espaço escolar.

À professora Isaura, que se dispôs a participar da banca de qualificação e contribui com seus conhecimentos a respeito do tema, encaminhando a construção do trabalho.

Ao professor Davys, e ao professor Rafael Romanholo, diretor geral e docente do IFRO – campus Cacoal, respectivamente, pela confiança e prestatividade durante a realização da pesquisa.

Aos estudantes do 3º ano dos cursos técnicos em Agroecologia e Informática do Instituto Federal de Rondônia – campus Cacoal, de 2019, pela participação e contribuições na pesquisa.

Aos professores e professoras do ProfEPT IFRO, campus Calama, 2018, pelas contribuições no meu processo formativo, em especial, ao professor Alexandre que, por meio da sua disciplina, mostrou a grandiosidade da educação para a formação e transformação social, impactando na minha atuação como profissional da educação.

A todos os colegas do ProfEPT IFRO, campus Calama, 2018, principalmente, Fabricio, Augusto, Rafael, Tayana e Simone, pelas proveitosas reflexões e análises durante nossos encontros e por torná-los mais agradáveis. Gratidão.

A diversidade promove a tolerância. Quando você não encontra pessoas diferentes, não percebe coisas, não percebe o quanto tem em comum com elas.

Malala Yousafzai

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1: Definição sobre o papel da mulher na sociedade</b> .....	45
<b>Quadro 2: Definição sobre o papel do homem na sociedade</b> .....	46
<b>Quadro 3: Percepção de semelhança e igualdades entre mulheres e homens</b> .....	47
<b>Quadro 4: Percepção da liberdade oferecida pela família (abordagem inicial) e como almejam que seja (abordagem final) às meninas e os meninos.</b> .....	48
<b>Quadro 5: Tomada de decisão no âmbito familiar</b> .....	49
<b>Quadro 6: Realização de atividades domésticas pela família de estudantes da EPT</b> .....	50
<b>Quadro 7: Profissões que deveriam ser exclusivas das mulheres</b> .....	531
<b>Quadro 8: Profissões que deveriam ser exclusivas dos homens</b> .....	532
<b>Quadro 9: Percepção de estudantes do sexo masculino quanto à atribuição de brinquedos por sexo</b> .....	53
<b>Quadro 10: Percepção de estudantes do sexo feminino quanto à atribuição de brinquedos por sexo</b> .....	53
<b>Quadro 11: Percepção de estudantes quanto à prática de educação ser mista por sexo</b> .	54
<b>Quadro 12: Atividades físicas indicadas para pessoas de sexo feminino</b> .....	55
<b>Quadro 13: Atividades físicas indicadas para indivíduos do sexo masculino</b> .....	55
<b>Quadro 14: Percepção sobre a não participação nas aulas de educação física por motivo familiar ou religioso</b> .....	56
<b>Quadro 15: Importância de abordar temas transversais relacionados à gênero</b> .....	57
<b>Quadro 16: Sugestões de temas transversais para a disciplina de Educação Física</b> .....	58
<b>Quadro 17: Percepções sobre preconceito de gênero</b> .....	59

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Autodeclaração de sexo do participante.....	43
Gráfico 2 – Auto declaração de sexo do participante.....	44

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

IFs – Institutos Federais

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

ProfEPT – Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

# **ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFRO: O QUE COMPREENDEM, EXPRESSAM E SUGEREM ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

## **RESUMO**

RESUMO - Através da pesquisa e atividades produzidas pelas alunas e alunos do 3º Ano dos Cursos Técnicos de Agroecologia e Informática integrados ao Ensino Médio e que tiveram lugar nas aulas da disciplina de Educação Física, no Instituto Federal de Rondônia – campus Cacoal, esta pesquisa teve por objetivo demonstrar o que compreendem, expressam e sugerem estudantes da Educação Profissional e Tecnológica acerca das relações de Gênero”. Diante disso, pautamo-nos em analisar às percepções do grupo de estudantes a respeito das relações de gênero no contexto social, familiar e escolar com intuito de verificar como se dão essas relações interpessoais. A metodologia que orientou este estudo consistiu na Pesquisa Participante, afirmando o compromisso social da pesquisa com a comunidade, ou seja, com as pessoas e seu meio, reconhecendo o caráter político e ideológico dela enquanto atividade científica e pedagógica que considera a relação de gênero como um fator importante para a sociedade. Desse modo, buscamos, por meio desta investigação, evidenciar que as diferenças entre os gêneros não devem ser fontes de estereótipos, homofobias, e/ou quaisquer outras formas de preconceitos. Acreditamos que a partir do desenvolvimento e registro de nossa experiência junto aos alunas e alunos envolvidos na pesquisa e a produção de um manual sobre o tema, outras(os) professoras(es) de Educação Física ou mesmo outras áreas do conhecimento, possam abordar o assunto em suas aulas de forma consciente, intencional e planejada. As bases teóricas empregadas neste texto, advêm de estudos já consagrados de pesquisadoras(es) especialistas nos temas que versam a respeito das relações, papéis e diversidades de gênero. O desenvolvimento desta pesquisa nos mostrou que uma educação pautada na sensibilidade, engajamento e responsabilidade, pode gerar bons frutos e que o espaço escolar pode ser transformado e transformador.

Palavras-chave: Diversidade de Gênero. Estudantes da EPT. Gênero e temas transversais. Relações de gênero.

# **GENDER RELATIONSHIPS IN THE EDUCATIONAL CONTEXT: WHAT STUDENTS OF PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION UNDERSTAND, EXPRESS AND SUGGEST ABOUT GENDER ROLES**

## **ABSTRACT**

Through search and activities produced by the students of the 3rd (third) Year of Courses in Agroecology and Informatics integrated with High School and which took place in the Physical Education classes, at the Federal Institute of Rondônia - Cacoal campus, this research aimed to objective to demonstrate what the Professional and Technological Education students understand, express and suggest about gender relations. Given this, we are guided to analyze the perceptions of the student group regarding gender relations in the social, familiar, and school contexts in order to verify how these interpersonal relations take place. The methodology that guided this study consisted of Participant Research, affirming the social compromise of the research with the community; that is, with people and their environment, recognizing its political and ideological character as a scientific and pedagogical activity that considers the gender relationship as an important factor for all society. Thus, we seek, through this research, it was sought to evidence that differences between genders should not be sources of stereotypes, homophobia, and(or) any other form of prejudice. we believe that from the development and recording of our experience with the students involved in the research and the production of a manual on the subject, other Physical Education teachers (s) or even other areas of knowledge, can approach the subject in your classes.in a conscious, intentional and planned manner. The theoretical bases employed come from studies already consecrated by researchers who are specialists in the themes concerning gender relations. The development of this research has shown us that an education based on sensitivity, engagement, and responsibility can generate good results and that the school space can be transformed and transformative.

**Keywords:** Gender diversity. EPT students. Gender and transversal themes. Gender relations.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO</b> .....	<b>18</b>
2.1 Sociedade, Gênero e Diversidade .....	21
2.2 Papel da escola para a construção de relações de gênero sadias .....	23
2.3 A importância de utilizar Temas Transversais na escola para discutir gênero.....	25
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>29</b>
4.1 Papéis sociais e semelhanças entre pessoas do sexo Masculino e Feminino. ....	29
4.2 Percepções sobre questões familiares e igualdade .....	31
4.3 Atribuições de profissões para masculino e feminino e de brinquedos para ambos os sexos .....	32
4.4 Gênero e a disciplina de educação física.....	34
4.5 Temas importantes nas aulas de educação física .....	36
4.6 Preconceito de gênero.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>43</b>
Apêndice A – Resultado da auto declaração de sexo das(os) participantes na abordagem inicial.....	43
Apêndice B – Resultado da auto declaração de sexo das(os) participantes na abordagem final .....	44
Apêndice C – Percepção das(os) participantes sobre os papéis de gênero na sociedade .	45
Apêndice D – Percepção das(os) participantes sobre os papéis de homens e mulheres no âmbito familiar .....	48
Apêndice E – Percepção das(os)participantes sobre profissões consideradas femininas e/ou masculinas .....	51
Apêndice F – Percepção das(os) participantes a respeito de brinquedos/brincadeiras considerados de meninos e/ou meninas .....	53
Apêndice G – Percepção das(os) participantes a respeito de temas que envolvem as aulas práticas de educação física.....	54
Apêndice H - Percepção das(os) estudantes a respeito de temas transversais.....	57

<b>Apêndice I - Percepção das(os) estudantes sobre o preconceito motivado por questão de gênero.....</b>	<b>59</b>
<b>Apêndice J - Questionários Inicial .....</b>	<b>60</b>
<b>Apêndice K - Questionários Final .....</b>	<b>61</b>
<b>Apêndice L - Encarte do Produto Educacional - MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL .....</b>	<b>612</b>
<b>Apêndice M - Formulário para avaliação do manual pelos estudantes participantes da pesquisa .....</b>	<b>125</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo relatar as experiências vivenciadas sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física, e que foram desenvolvidas junto a um grupo de alunas e alunos do 3º ano dos cursos técnicos de Informática e de Agroecologia integrados ao ensino médio, totalizando 56 (cinquenta e seis) alunas(os) participantes, sendo respectivamente uma turma do curso mencionado. O *locus* da pesquisa foi o Instituto Federal de Educação – IFRO, *campus* - Cacoal no ano de 2019.

Trata-se de experiências obtidas a partir de várias intervenções e dinâmicas como, rodas de conversa, aplicação de questionários e realizações de oficinas sobre a tão importante temática de relações de gênero no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, com abordagem especial às aulas práticas de educação física.

Para que a realização deste trabalho fosse possível, nos valem de um aporte teórico e metodológico que nos possibilitou pensar uma intervenção de pesquisa que considerassem a construção do ser humano em seu relacionamento com o Outro<sup>1</sup>, com respeito a totalidade formada pelo corpo, pela emoção, intelecto, caráter que constrói e permeia a relação com o Outro.

Orientamo-nos ainda pelo olhar de Saffiotti (1992), que concebe estas relações diversas e destaca que cada ser humano representa a história de suas relações sociais perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia. Neste universo, a construção dos gêneros ocorre através das relações sociais, pois a vida se dá em sociedade e, também, nas relações culturais, visto que desta vivência em sociedade ocorre padrões de comportamentos, orientações religiosas e absorção ou recusas de costumes e hábitos.

As características correspondentes à relação de poder masculino e feminino são nítidas nas sociedades ocidentais e vão paulatinamente sendo construídas ao longo de gerações, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino vão se agregando na sociedade (AUAD, 2018).

Cabe a nós enquanto sujeitas(os) educadoras(es), levantarmos questionamentos diante da sociedade em que estamos inseridas(os) sobre o que ficou naturalizado, cristalizado e solidificado pela cultura (patriarcal) como verdade absoluta sobre as questões de gênero na

---

<sup>1</sup> A partir de Neto e Kozickis (2008), o “Outro” pode ser considerado um conceito de cunho filosófico, fundado na ideia de alteridade. Para os autores, a alteridade é o alicerce para uma sociedade mais coerente e justa. Nesse sentido, ela precisa ser considerada e valorizada nas relações sociais e interpessoais para que a visão etnocêntrica seja superada, dando lugar ao reconhecimento das diferenças nas relações humanas, sejam elas de gênero, étnicas, raciais, religiosas, culturais, sociais etc.

atualidade. Cabe indagarmos, enquanto agentes de mudanças e transformações, se estes arranjos refletem as realidades dos grupos sociais, diversidades culturais e de costumes ou se acolhem apenas a uma parcela privilegiada da sociedade.

Para que possamos entender, inferir e questionar sobre as construções/invenções de gêneros em nossa sociedade, recorreremos às análises realizadas pela historiadora Joan Scott (1990), mais precisamente em seu artigo intitulado “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, que traz em si duas proposições: i) gênero como elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o que implica em quatro elementos inter-relacionados como sendo os símbolos culturalmente disponíveis, os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, a inclusão de uma concepção de política bem como uma referência às organizações sociais e a identidade subjetiva; ii) gênero como forma primária para significar as relações de poder.

Neste último caso, o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido questionado, concebido e legitimado, referenciando e estabelecendo a oposição homem/mulher. Portanto, vemos que as relações de gênero perpassam toda espécie de relação humana, das relações mais objetivas às subjetivas e simbólicas (SCOTT, 1990).

Recorremo-nos ainda ao pensamento da autora norte americana Judith Butler (2003), que inspirada em Michel Foucault, traz uma ácida crítica a busca das origens de gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão, a interdição, impede de ver. Para que esta crítica seja válida, a autora investiga as apostas políticas que designam como origem e causa, as categorias de identidade que, na verdade, são exercícios de poder do estado sobre as ações dos corpos, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos.

O que nos faz lembrar o quanto instituições como a Igreja, a Família, a Escola e o Estado, interferem em nossa subjetividade, no modo como nos comportamos, em nossas atitudes e nossos corpos, desde as roupas e as cores que vestimos, esportes considerados de menino ou menina, músicas que ouvimos, ao corte do cabelo que devemos adotar, até as permissões/proibições implícitas para o uso tatuagens, pinturas, etc. Ainda segundo a autora Bultler (2003), todas estas ações são normatizadas pelas instituições que compõem o nosso corpo político e social e, normalizadas por grande parte da sociedade em que vivemos.

Diante deste preâmbulo teórico, entendemos que os relacionamentos sociais devem ser construídos de forma saudável, pois, saber relacionar-se em grupo pressupõe um controle evolutivo de comportamento normatizado por valores, normas e atitudes não excludentes.

Neste caso, reconhecendo a instituição Escola e seu papel perante a sociedade, podemos afirmar que a Educação é de fundamental importância na construção intelectual dos alunos e alunas e assim sendo, torna-se essencial refletir sobre o papel da escola no processo de formação humana e não somente como local de transmissão de conhecimentos.

Diante do nosso objeto de estudo – a Relações de Gêneros no Âmbito Educacional; de nosso objetivo de investigação – o que compreendem, expressam e sugerem estudantes acerca dos papéis de gênero, e das nossas referências teóricas brevemente aludidas acima, assim como imbuídas e engajadas na ideia de afirmação e ação educadora como um instrumento de liberdade através do conhecimento, acreditamos que estaremos contribuindo para construção coletiva de novos e possíveis lugares de fala para educandas(os), lugares onde sejam onde sejam possíveis a multiplicidade de vozes e diversidades de cores.

Metodologicamente, optamos pela proposta da pesquisa participante que permite trazer à tona a os conhecimentos já acumulados pelo grupo participante, no sentido de que nos ofereçam pistas para possíveis problematizações a respeito das relações de gênero na atualidade.

Inspiradas em Borda (1984) que afirma que concebe a pesquisa participante como uma ciência emergente ou uma ciência popular que, embora encontre seu alicerce no senso comum, possui validade científica já que tem uma racionalidade própria que pode ser demonstrada cientificamente, portanto, seguimos tais pressupostos para o desenvolvimento desta pesquisa.

## **2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO**

Um dos temas mais polêmicos da sociedade atual, sem sombra de dúvidas, tem sido os temas relacionados às perspectivas de gênero e sexualidade. Eles têm se tornado, inclusive, elementos de plataforma de atuação ou de repúdio para diversos cargos eletivos do sistema político brasileiro. No caso específico de repúdio ou críticas ao tema, muitos segmentos da sociedade revelaram grande simpatia pelos discursos de vários políticos, entre eles os discursos do atual presidente da república, uma linha ideológica do governo para falsear e distorcer conceitos e realidades sobre questões de gênero e diversidade sexual e que se mostra contrário à abordagem consciente do tema.

De imediato podemos perceber que se trata de uma questão sensível e delicada. Vem daí a preocupação por parte da comunidade escolar: se de um lado existe certa recusa por parte da sociedade no tocante à necessidade de discussões maduras sobre o tema, por outro lado, a

sua presença nas discussões ou a presença da diversidade de gêneros no ambiente escolar deve gerar mais espaços de reconhecimento e de respeito ao Outro.

Para que possamos entender melhor estas relações de gênero, quase sempre conflituosas, novamente recorremos as contribuições de Joan Scott (1990), que compreende gênero como a percepção sobre as diferenças sexuais a partir de um ponto de vista dualista, hierarquiza essas percepções, criando sentidos culturais para as diferenças entre os sexos. Na visão da autora, as diferenças entre os sexos existem, mas o problema está no modo como essas diferenças são significadas, produzindo uma relação hierarquizada entre os gêneros.

Entende-se por gênero a condição social por meio da qual nos identificamos enquanto masculinos e femininos. Isto é, o gênero é então entendido como uma construção social e, enquanto tal, não é fixo, pode mudar ou sofrer variações, diferenciando-se, assim, do sexo. O termo sexo é usado para identificar as características corporais que diferem os homens das mulheres e se apresentam desde o nosso nascimento, determinando “o ser macho” ou “o ser fêmea”, considerando somente diferenças biológicas.

As diferenças de gênero são as que se constroem na sociedade e na cultura, ainda indica os papéis apropriados aos homens e às mulheres, apresentando assim as representações de masculinidade e feminilidade (LOURO, 2003). O mesmo autor afirma que gênero é uma construção social feita sobre as diferenças sexuais.

As diferenças entre as moças e rapazes, são fortemente condicionadas pela socialização (SARAIVA, 2005), ainda que as relações sociais sejam construídas histórica e culturalmente, pautadas sobre a ideologia patriarcal – tão presente na sociedade brasileira, que acaba por criar uma espécie de conformidade ao naturalizar os papéis sociais de meninos e meninas, criando uma espécie de alienação da consciência humana. Falaremos um pouco mais sobre a ideologia patriarcal mais adiante.

Portanto, o gênero não é algo que está previamente atribuído ao nascer, mas é construído e submerge de um conjunto de processos advindos dos costumes, da cultura que permeia a sociedade, distinguindo os corpos a partir daquilo que se identifica com o ser masculino e/ou ser feminino, e definindo a partir deles, comportamentos que são atribuídos a um e a outro.

Começam a ocorrer relações de poder, a partir de padrões heteronormativos, ou seja, ainda como define a autora, criam regras e padrões de comportamento que determinam como meninos e meninas devem agir, pensar e do que devem gostar, reforçando estereótipos de masculinidade e feminilidade que excluem quem não se enquadra neles (LINS et al, 2016). Por esta lógica, quem estiver fora da dicotomia masculino X feminino, não encontra lugar na sociedade.

Assim, faz-se necessário falarmos em identidade de gênero, falarmos sobre o modo como as pessoas se identificam socialmente, com as posições de gênero ou ainda, quando fogem da dualidade que os padrões de masculino e feminino pressupõem, podendo se identificar com ambos, ou nenhum, os denominados de não-binários, termo que engloba uma diversidade de identidades não enquadradas no padrão do masculino/feminino homem/mulher menino/menina.

Portanto, identidade de gênero é o modo como cada indivíduo se identifica em relação ao seu gênero, podendo ou não corresponder ao seu sexo biológico. Reafirmando e correndo o risco de sermos redundantes, gênero é como cada indivíduo se vê, se sente, se designa, não tendo nada a ver com sua orientação sexual.

A identidade de gênero se refere à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa. Trata-se, também, da percepção que uma pessoa tem sobre seu gênero, que pode corresponder ao sexo biológico (cisgênero) ou não corresponder ao sexo biológico (transgênero) (BRASIL, 2009). Se relaciona, ainda, com a forma como a pessoa se reconhece dentro dos padrões de gênero: feminino e masculino. Esses valores são estabelecidos socialmente e variam de cultura para cultura (BRASIL, 2018).

A identidade de gênero, comumente confundida com a orientação sexual, é explicada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em campanha intitulada Livres & Iguais<sup>2</sup>:

Uma pessoa transgênero ou trans pode identificar-se como homem, mulher, trans-homem, trans-mulher, como pessoa não-binária ou com outros termos, tais como hijra, terceiro gênero, dois-espíritos, travesti, fa'afafine, gênero queer, transpinoy, muxe, waria e meti. Identidade de gênero é diferente de orientação sexual [...]. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. (ONU, 2017, não paginado).

A primeira parte da citação diz respeito a identidade de gênero, enquanto a segunda parte versa sobre a orientação sexual e está relacionada ao desejo afetivo, à orientação sexual, à atração que os indivíduos sentem por pessoas de determinado gênero, por exemplo: indivíduos heterossexuais, por pessoas de sexo oposto; indivíduos homossexuais, por pessoas do mesmo sexo; indivíduos bissexuais, por pessoas de ambos os sexos; e indivíduos assexuais, não sentem desejo por nenhum dos sexos.

Desse modo, identidade de gênero e orientação sexual, não se reproduzem em uma relação de interdependência, assim como a identidade de gênero pode variar em relação ao sexo

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2017/05/Transgender-PT.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

biológico, a orientação sexual pode variar tanto em relação ao sexo, como em relação à identidade de gênero (JESUS, 2012).

## **2.1 Sociedade, Gênero e Diversidade**

Sempre existiram grandes embates, debates e preocupações em torno da construção social de sujeitos e de seus corpos, seus gêneros e sexos, estas problemáticas sempre se fizeram presentes fora e dentro do sistema escolar, bem como nas políticas públicas da educação brasileira. Tais preocupações, tradicionalmente, convergiam (e ainda convergem) no propósito de fazer da escola um espaço de normalização, disciplinamento e ajustamento heteronormativos de corpos, mentes, identidades e sexualidades.

A sociedade em que vivemos, em boa medida, reluta contra-argumentos referentes às políticas de gênero e diversidade, conseqüentemente as discussões suscitadas por tais argumentos, costumam causar certo mal-estar em muitos meios, sejam acadêmicos ou não. Muito possivelmente, pela forte influência das estruturas patriarcais que permeiam as nossas relações.

Cabe aqui ressaltar que, concebemos relações patriarcais como a organização familiar onde predomina a vontade e a soberania do homem, do chefe da família, que geralmente segue códigos rígidos de masculinidade pautada na heteronormatividade.

Hoje, após certo grau de emancipação feminina, as reivindicações de diferentes atores sociais, sujeitos de direito, tais como os homossexuais, bissexuais, etc., passam a ter um pouco mais de visibilidade e dizibilidade<sup>3</sup>, faz com que parte da sociedade ainda esboce grande dose de reação contrária à questão da igualdade de gêneros.

Para os mais conservadores, a relação de gênero somente poderá ser pautada tendo como pressuposto o homem heterossexual como o paradigma social. O que estabelece um padrão hierárquico entre os gêneros, sendo assim, a sociedade determina o processo perceptivo das pessoas, simplificando a realidade objetiva que é tão complexa, e então traduz o que o senso comum pensa, através dos vários estereótipos (ROMERO, 2001). Ou seja, para os conservadores, o mundo é simples, homem é homem e mulher é mulher.

Um outro aspecto que deve ser considerado é o dos estereótipos ou a rotulagem que se atribuí a um indivíduo pertencente à uma determinada coletividade. Esta rotulagem passa a ser

---

<sup>3</sup> Deleuze (2006), ao estudar o pensamento de Foucault, atesta que o saber é constituído pela combinação do “ver” e do “falar”, e eles nunca se confundem, ou seja, nada é diretamente visível ou enunciável. E assim para que o saber se torne possível é necessário uma combinação destes termos, por meio do que Deleuze chama de campo de visibilidade ou dizibilidade.

estigmatizada a partir do pré-julgamento sobre suas características em detrimento de suas múltiplas qualidades individuais. Estereótipos são expressados, na maioria das vezes, através de piada ou pilhéria, da ironia, da humilhação e de insultos. Funcionam também como modelos que pressupõem e impõem padrões sociais esperados para um indivíduo vinculado à determinada coletividade e geralmente criam uma primeira impressão do Outro, restringindo a interação social (GOFFMAN, 1980). Neste caso, ao Outro cabe somente ser aquilo que os estereótipos dizem.

Para que os estereótipos de gêneros, e demais estereótipos que inferiorizam o Outro não se reproduzam e não se perpetuem na sociedade, é preciso combater todos os preconceitos previamente estabelecidos. Neste contexto, é dever fundamental da escola agregar em seus objetivos, discussões e reflexões capazes de sensibilizar as alunas e os alunos sobre a importância ao reconhecimento da diversidade de gêneros, e assim promover um ambiente de igualdade, respeito e inclusão.

A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro se traduz no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. O princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional. (BRASIL, 2004, p.11)

Cabe aqui analisarmos, mesmo que brevemente e de forma generalizada o papel das religiões. Sim, no plural mesmo, até porque muitas das seitas ou denominações existentes nos dias de hoje, são dissidências de outras mais antigas.

Predominantemente a população brasileira se percebe como de matriz cristã. O Catolicismo brasileiro se desdobra em três vertentes principais: o clero tradicionalista e defensor da ortodoxia; os remanescentes da Teologia da Libertação, que desde os anos 70 tem formado uma espécie de "esquerda" eclesiástica; e os adeptos da Renovação Carismática ou de Comunidades Carismáticas<sup>4</sup>. Ainda, de matriz cristã, temos os protestantismos que, grosso modo, se dividem em: Tradicionais (Batistas e outras); Pentecostais (Assembleia de Deus e outras) e Neopentecostais (Universal do Reino de Deus e outras).

Além das religiões de matriz cristã, outros seguimentos religiosos e/ou filosóficos são professados, tais como, as religiões de matriz africana (Candomblé e outras); de matriz asiáticas (Budismo e outras); as do oriente médio (Muçulmana e outras); Judaísmo, etc.

---

<sup>4</sup> Para saber mais: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1912/1/Karine%20Pagliosa%20Scherer.pdf> - Acesso em: 03/09/2020.

Comum a todas estas matrizes é que em sua origem está o embrião do conservadorismo típico de cada uma, o que as singulariza quanto às suas doutrinas. Algumas se apresentam mais conservadoras e outras mais liberais, no entanto, quando se trata de demandas de gênero, pouquíssimas denominações tiveram significativos avanço no que se refere a igualdade e diversidade de gênero.

Outra característica comum a maior parte destas denominações<sup>5</sup> religiosas é que, sejam elas monogâmicas – geralmente de matriz cristã - ou não monogâmicas - como no caso de algumas religiões do Oriente Médio e Índia, grande parte delas mantém o Patriarcalismo como paradigma familiar enquanto hierarquia organizacional. A rigor, o Patriarcalismo e seus padrões rígidos de masculinidade, deixa pouco ou quase nenhum espaço para mulheres, ou para os sujeitos com outras opções de gênero ou de orientação sexual.

O mundo, fora das paredes dos templos, das igrejas, dos terreiros, das mesquitas e dos lares familiares se mostra ostensivamente diverso e plural, mas dentro destas paredes ainda são mantidas, em larga medida, antigas estruturas paradigmáticas no que diz respeito a gênero e sexualidade. Dentro de muitas famílias brasileiras, assuntos como identidade de gênero e orientação sexual ainda é tabu.

Percebemos, portanto, que as práticas religiosas, em geral as conservadoras, ultrapassam as paredes dos templos, deixando de serem discussões internas de um grupo e ganham forma de práticas culturais que influenciam as decisões políticas e sociais de toda a sociedade. Em resumo, o silêncio da família, a interdição paradigmática da igreja e a ausência do Estado, acabam por empurrar estas demandas para as(os) educadoras(es) e toda a comunidade escolar.

## **2.2 Papel da escola para a construção de relações de gênero sadias**

Muito se discute a respeito da escola enquanto espaço para a desconstrução de preconceitos, para a disseminação de discussões acerca da diversidade e formação de estudantes capazes de conviver com as diferenças. Entretanto, como dito anteriormente, as relações de gênero, na sociedade de forma mais ampla, se constituem como um tema tabu, em especial, quando se trata de considerar os sujeitos que fogem aos padrões heteronormativos de masculinidade e feminilidade, isto é, todos os sujeitos que se enquadram na sigla LGBTQIA+, por exemplo.

---

<sup>5</sup> Usamos o termo denominações religiosas em detrimento de Religiões, pois há muita controvérsia sobre, Religiões e Seitas. Portanto, para não entrarmos neste debate, optamos por assim proceder.

Nesse sentido, a escola, obedece a determinados padrões culturais que regulam a sociedade, constituindo-se, em certa medida, como espaço de (re)produção de normas, de padrões e modelos de conduta que se estabelecem na arquitetura do prédio, na distribuição das salas, na organização das alunas(os), nos papéis de cada membro da comunidade escolar, nos conteúdos pré-determinados, nos manuais que regulam o processo de ensino aprendizagem, nos prazos, nos documentos oficiais que regulamentam cada atividade realizada pela instituição escolar, dentre uma série de outras práticas atravessadas por relações de poder, que perpassam o funcionamento da escola e afetam a forma como estudantes, professoras(es) e profissionais da educação de uma forma geral, se relacionam com ela.

Guacira L. Louro (1997) traz uma importante problematização acerca dos modos como a escola se constitui enquanto ambiente de divisão e de padronização de comportamentos. Mais especificamente, sobre as questões de gênero, a autora aponta para o modo como a escola naturaliza a divisão entre meninos e meninas, como por exemplo, as filas separadas; brinquedos de meninos e brinquedos de meninas; comportamentos e brincadeiras aceitáveis para garotos e garotas; atividades esportivas pré-definidas a partir de padrões biológicos que consideram meninos mais fortes que meninas. O controle sobre a sexualidade que se dá de formas distintas para ambos.

Outra questão importante levantada pela autora, diz respeito a forma como é visto quem foge desses padrões binários, os homossexuais por exemplo, que costumam ser considerados desviantes ou anormais. Mesmo quando se pensam as relações de gênero, isto é feito de modo dualista, considerando somente os padrões heteronormativos de homem e mulher. A autora compreende que “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (LOURO, *Ibidem*, p. 80-81).

Contudo, é inegável que a escola deve ser um espaço de coexistência de diversidades, não apenas sexual e de gênero, mas também étnica, cultural, social, política, dentre outras. Devemos nos alertar de que estamos diante de uma série de transformações culturais que afetam os comportamentos e fazem com que os indivíduos, em especial as(os) alunas(os), se posicionem de modo a romper com padrões. Neste sentido, Bortolini (2011) aponta que:

Felizmente, nos últimos anos, é possível identificar uma mudança significativa na postura de estudantes que não se conformam aos padrões hegemônicos de comportamento de gênero: se, antes, eram simplesmente invisíveis, passando toda a sua trajetória escolar dentro de ‘armários’ (mesmo que de vidro); hoje, estão assumindo identidades e, em nome de seus direitos, enfrentando a escola, professoras(es), diretoras(es) e colegas, mobilizando a

comunidade para a transformação da escola numa arena de debate sobre relações de poder, gênero e sexualidade (BORTOLINI, 2011, p. 33).

Isso impõe desafios e questionamentos que nos fazem pensar em como seria possível uma educação mais inclusiva em um espaço institucionalmente estabilizado, cartografado, esquadrinhado e normatizado por regras, normas e padrões que trazem como pressuposto uma disciplina que homogeneíza. Diversas são as pesquisas, que a partir das mais variadas áreas do conhecimento se propõem a refletir sobre essas questões, ainda assim, não há uma fórmula ou modelo que resolva todas as demandas da educação inclusiva.

Uma educação inclusiva se faz possível, ao entendermos que a busca por igualdade não pode se pautar pelo apagamento das diferenças, mas pela possibilidade da diversidade, isto quer dizer saber que existem diferenças e saber conviver de forma cooperativa e harmoniosa com elas. Para tanto, é necessário um olhar mais sensível para os indivíduos que fazem parte da escola, quando compreendermos que padrões são construídos cultural e historicamente e que a diversidade sexual e de gênero estão presentes no espaço escolar independente da vontade da sociedade, o trabalho da escola deve acontecer rompendo com os preconceitos e estereótipos (NASCIMENTO; SILVA, 2011).

Trata-se mesmo, de um processo constante e contínuo de cuidados com a liberdade de cada sujeito, um verdadeiro exercício de democracia para que se realizem transformações efetivas e duradouras, capazes de reconhecer os indivíduos considerados “desviantes” mais de que apenas componente de uma minoria e sim como parte integrante de um todo diverso.

### **2.3 A importância de utilizar Temas Transversais na escola para discutir gênero**

Na perspectiva de desenvolver uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, o Ministério da Educação (MEC) por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), define que as instituições de ensino devem incorporar em seus planos pedagógicos, os chamados temas transversais, pois compreende que:

A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos. (BRASIL, 1998, p. 25).

Os temas transversais, são importantes, pois apontam para questões que estão diretamente relacionadas ao exercício da democracia e da cidadania. Como explica Darido (2017), questões importantes, que o governo e a sociedade, e incluímos aí a família, deparam com grandes dificuldades em lidar, em abordar ou explorar são tematizados e encaminhados para a escola, portanto, cabe a nós educadoras(es) mediar a inserção de temas relacionados à relação das(os) estudantes, com a sociedade.

Nessa perspectiva, identificamos pelo menos duas questões importantes. A primeira, é que os temas transversais abrem às(aos) educadoras(es) a possibilidade de abordar assuntos diversos que permitam às(aos) estudantes ampliar seu olhar para a convivência com a diversidade, incluindo no processo de ensino aprendizagem, até mesmo tópicos considerados tabus, como identidade de gênero e orientação sexual e outros que porventura venham demandar.

O segundo ponto importante, é que por se tratarem de temas relacionados à vivência das(os) alunas(os) fora do âmbito escolar, os modos de abordagem e de receptividade de tais assuntos estão condicionados ao modo como o aluno se relaciona com as questões abordadas em outros espaços de socialização como a família, a igreja, os grupos de amigos, dentre outros.

Portanto, os temas transversais ampliam as possibilidades para o debate sobre gênero no espaço escolar, mas, que saibamos de imediato que não há uma fórmula ou modelo pronto que nos permita: i) estabelecer debates de forma efetiva; ii) que garanta resultados positivos em curto espaço de tempo. Esse processo se faz com estratégia, persistência e disposição para encarar os desafios impostos pela necessidade de transformar o espaço escolar, em um campo que efetivamente acolha as diversidades.

### **3 METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desta pesquisa tão próxima de nossa realidade social concreta, posto que envolveu alunas e alunos com os quais convivemos semanalmente no espaço da escola, nos ancoramos metodologicamente na pesquisa participante que, segundo Brandão (1998) surgiu com o intuito de aproximar o pesquisador e o objeto de sua pesquisa do trabalho social ao direcioná-lo para a realidade social dos sujeitos, suas experiências, sua cultura e seus modos de vida. Logo, prevê uma aproximação horizontal entre sujeito e objeto, tendo em vista que ambos são da mesma natureza (BRANDÃO, 1998).

Partindo do princípio de totalização, a pesquisa participante apresenta quatro propósitos: i) ser destinada de forma prática para o conhecimento de situações sociais, visando

o trabalho colaborativo; ii) possuir vocação política e educativa por ser um instrumento de aprendizado partilhado; iii) participar da construção progressista de um saber popular tornando-se até mesmo um meio de ciência popular; iv) possibilitar o empoderamento dos seus integrantes (BRANDÃO, 2006).

O BORDA (1984) dá especial enfoque na observação do meio social no qual se pretende plena participação da comunidade, trata-se de uma ação educativa de investigação e ação social coletiva que tem como principal fundamento a participação colaborativa para construção do conhecimento, onde todas(os) as(os) pesquisadores e a população ou comunidade fazem parte de um mesmo processo que objetiva a transformação social (BRANDÃO, 2006).

Esta foi a realidade por nós vivenciadas, considerando que participaram da pesquisa 56 (cinquenta e seis) estudantes de período integral de duas turmas de 3º ano, uma turma do curso técnico Informática e outra do curso técnico em Agroecologia do IFRO (Instituto Federal de Rondônia), campus – Cacoal, no ano de 2019. Convém registrar aqui que, embora não sejamos professora deste campus, nossa proximidade com os professores de Educação Física aí lotados é grande. Esta relação de “coleguismo de trabalho”, sem dúvida, contribuiu para o a metodologia da pesquisa participante fosse aplicada com sucesso.

A pesquisa foi realizada em 3 etapas. Na primeira etapa realizamos pesquisa bibliográfica, nos deu suporte teórico e metodológico para a realização da pesquisa de campo. Realizamos também contato com as diretoras(es) e professoras(es) de Educação Física do campus, apresentando o projeto e objetivos do trabalho.

As turmas foram escolhidas com o intuito de aproximar os objetos do estudo entre duas áreas técnicas distintas, a Agroecologia e a Informática. O fato de cursarem o terceiro ano foi a escolha devido ao maior tempo que as(os) estudantes estão estudando juntos.

Na segunda etapa apresentamos os objetivos do estudo para as(os) estudantes que iriam participar da pesquisa. Apresentamos-lhes os procedimentos que seriam realizados na pesquisa para a sua concordância, bem como de seus responsáveis, conforme o recomendado pelos protocolos de pesquisa.

Na terceira aplicamos o questionário 01 as alunas e aos alunos participantes para verificar suas percepções sobre os papéis e desigualdades de gêneros. E realizamos 08 (oito) encontros com cada turma que aconteceram semanalmente em período matutino no decorrer dos meses de outubro e novembro de 2019. Às terças-feiras os encontros eram realizados com a turma de Informática, às quintas-feiras com a turma de Agroecologia. Durante os encontros

realizamos 04 rodas de conversas com os temas i) papéis da mulher e do homem na sociedade; ii) preconceito; iii) igualdade/desigualdade e iv) diversidade de gêneros respectivamente.

Afonso & Abade (2008) afirmam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas com objetivo de construir um espaço de reflexão acerca do cotidiano, de sua relação com o mundo, com o trabalho e com o projeto de vida. Considerando esta condição, utilizamos as rodas de conversa para abordar temas relacionados à diversidade de gênero por serem eficazes no sentido de despertar o interesse à participação de estudantes nas atividades propostas, na discussão dos temas e na produção de material.

Abordamos a questão do preconceito no esporte durante o 3º encontro a partir da exibição do filme “Boa de Briga” quando estabelecemos uma análise e discussão sobre a temática com a orientação para que as(os) participantes registrassem por escrito as suas impressões sobre o tema.

Em três das oficinas realizadas, alunas e alunos se expressaram através de atividades orientadas como produção de texto e de desenho sobre assuntos específicos como o preconceito de gênero; a relação entre coisa de menina x coisa de menino e sobre os papéis de gênero na sociedade. Estas oficinas foram planejadas de acordo com Antunes (2011) que concebe as oficinas pedagógicas como possibilidades de acesso ao conhecimento de forma a estimular a participação, o interesse, a autonomia, a criatividade, o desejo em conhecer e o prazer de aprender das(os) participantes.

Podemos dizer que a nossa participação não foi apenas de modo passivo, cada atividade, desde as rodas de conversa, a indicação de filme, as oficinas, as palestras se caracterizam como modos dialógicos de intervenção, mesmo que de forma sutil.

As intervenções tiveram o objetivo de propiciar reflexões sobre as construções sociais estruturadas pela sociedade patriarcal e esclarecer alguns conceitos que ainda considerados tabu para a nossa sociedade. Finalizamos esta terceira etapa aplicando o questionário (02) aos participantes, e que teve o objetivo de verificar se ocorreram mudanças em suas percepções sobre os papéis da mulher e do homem na sociedade e desigualdades de gêneros.

Para análise das informações coletadas através dos questionários, construímos quadros capazes de apresentar mais nitidamente os resultados, contudo, devido a determinação de número de páginas para este texto, os gráficos e quadros ficam apresentados em apêndice. As análises do próximo capítulo se darão somente através de comentários sobre a expressividade dos dados. De acordo com a proximidade de respostas, e quando necessário, as mesmas foram agrupadas em conjuntos. Nas demais situações, as informações foram contabilizadas separadamente.

Um dos métodos de análise foi a comparação entre as respostas do questionário inicial e do questionário final conduzindo diálogos à luz da literatura científica. Os resultados demonstram as perspectivas das alunas(os) sobre os papéis das mulheres e dos homens na sociedade, igualdade/desigualdade de gênero.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Abordaremos aqui os resultados obtidos e expressos pelos gráficos apresentados nos apêndices, são resultados da intervenção realizada junto às alunas e alunos que participaram e que responderam ao questionário nas fases inicial final da pesquisa.

O gráfico 01<sup>6</sup>, informa a quantidade de alunos que responderam o questionário inicial, quando 45% se autodeclararam masculino e 55% das(os) participantes se autodeclararam feminino. Já para o gráfico 02<sup>7</sup>, há uma sensível variação nos percentuais, quando 41% se declaram masculino e 59%, feminino. Do primeiro questionário para o segundo, houve uma baixa no número de participantes, devido ao fato de algumas(uns) delas(es) estarem participando de outras atividades escolares, impossibilitando a participação no segundo momento.

O gráfico 01 corresponde a abordagem inicial referente ao questionário 1, que procurou trazer as impressões obtidas nos primeiros contatos, antes das intervenções por palestras, rodas de conversas e etc. Já o gráfico 02, diz respeito a abordagem final, que corresponde ao questionário 2, que já traz substanciais mudanças nas atitudes relacionadas à problemática central, relações de gênero que proporcione mais tolerância com o mundo em que vivemos, complexo e diverso.

##### **4.1 Papéis<sup>8</sup> sociais e semelhanças entre pessoas do sexo Masculino e Feminino.**

Analizamos neste tópico, alguns resultados que trazem as respostas aos questionamentos temáticos colocados as(aos) participantes da pesquisa. Os quadros 01, 02 e 03<sup>9</sup>, formam um bloco de perguntas a respeito dos papéis sociais e semelhança entre masculino e feminino. Mais

---

<sup>6</sup> Apêndice A.

<sup>7</sup> Apêndice B.

<sup>8</sup> Neste texto, a referência ao termo “papel ou papéis” masculinos e/ou femininos, está diretamente relacionado às condições de existência de cada indivíduo, mediado pelas práticas sociais, políticas e culturais que naturalizam as ações e as relações humanas reservando a cada indivíduo uma forma de ser, o que cada um pode ou não fazer, mediante a sua condição, masculino ou feminino.

<sup>9</sup> Apêndice C.

especificamente os quadros 01e 02, tematizam sobre as definições, pelas(os) estudantes, sobre o papel masculino e o feminino na sociedade.

O quadro 1, diz respeito ao modo como as(os) participantes compreendem o papel da mulher na sociedade; o quadro 02 se refere ao modo como são percebidos os papéis dos homens na sociedade; e o quadro 3, aponta para a percepção das semelhanças e diferenças entre o homens e mulheres.

Os questionamentos da abordagem inicial trazem respostas em que o papel da mulher está relacionado aos serviços domésticos, com o cuidado com os filhos e com o marido (38%). Já na abordagem final, após as atividades realizadas com as(os) alunas(os), essa percepção sofre uma diminuição (27%).

Já o papel masculino, como representado no Quadro 2, está majoritariamente associado ao papel do patriarca, provedor da casa, o membro da família que deve trabalhar fora para manter a casa (45%). As respostas sugerem ainda que no imaginário das participantes do sexo feminino o homem tem papel não só como chefes da família, mas como protetor (23%).

Como no caso anterior, na abordagem final, essas percepções sofrem alterações e diminuem conforme a temática é discutida com as(os) estudantes, assim 30 % passam a considerar como papel do homem, além de trabalhar fora, devem estudar e ser pai também.

No que diz respeito ao modo como as diferenças entre homens e mulheres são percebidas (Quadro 3) na abordagem inicial, 50% dos entrevistados consideravam não apenas homens e mulheres diferentes, mas que os homens são superiores às mulheres. Após a intervenção, ambos passam a serem vistos dentro de uma relação de maior igualdade (38%).

Judith Butler (2003), explica essas percepções a partir do conceito de performance de gênero:

Como em outros dramas sociais rituais, a ação de gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. [...] na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 200). (Grifos da autora).

A performatividade é, portanto, o modo como nos comportamos, a partir de padrões hegemônicos de gênero e que afetam diariamente, o modo como nos vestimos, como falamos, como andamos, como nos portamos socialmente, criando e reforçando um imaginário social de que haja uma essência masculina e feminina, tal qual podemos observar nas respostas das(os)

estudantes entrevistados. Trata-se, portanto, do que a autora chama de “repetição estilizada de atos”, uma identidade construída a partir de uma ação performática, que tanto a sociedade, como os próprios atores, passa a reproduzir sob a forma de crença.

#### **4.2 Percepções sobre questões familiares e igualdade**

Os quadros 4, 5 e 6<sup>10</sup>, tratam das relações entre homens e mulheres no contexto familiar, sendo que o Quadro 4, trata das percepções sobre a liberdade oferecida pela família, o Quadro 5, aborda as tomadas de decisões no âmbito familiar e o Quadro 6 trata da realização das atividades domésticas pela família.

Durante a abordagem inicial, foi unânime a percepção de que, por motivos culturais, as famílias dão maior liberdade aos jovens do sexo masculino (100%). Pelas mudanças de posicionamento ocorridas a partir da realização das oficinas, a abordagem final aponta para a grande maioria das(os) alunas(os) na espera de que essa liberdade seja oferecida de forma igualitária (46%).

Quanto a tomada de decisões pela família, a maior parte das respostas apontam para decisões realizadas em conjunto pelo pai e a mãe (43%). mas é ainda alto o número de famílias em que o pai toma as decisões sozinho, por ser considerado o chefe da família (36%). Há ainda, o interesse das(os) participantes, em fazer parte das decisões tomadas pela família, uma vez que se consideram diretamente afetados por elas (35%).

No que diz respeito à realização das tarefas domésticas, a mãe é apontada como a principal responsável, por ser considerada a pessoa que passa a maior parte tempo em casa (69%). Entretanto, as(os) estudantes sinalizam para a necessidade da divisão dessas tarefas entre todos membros da família, pois consideram que como consequências da sobrecarga pelas atribuições domésticas, muitas mães não dão continuidade aos estudos, não têm trabalho formal e acabam se perpetuando na função de donas de casa (76%).

Nesse aspecto da pesquisa, grosso modo, as percepções ainda estão conformadas a partir da sociedade patriarcal nas relações familiares e que se constituem a partir de hierarquias e da divisão de papéis no âmbito doméstico, que colocam homens e mulheres em posições de desigualdade, concentrando-se nos homens o poder primário, a posição de autoridade, enquanto à mulher é reservada a posição de subserviência, de responsável pelos afazeres domésticos e cuidados com a família.

---

<sup>10</sup> Apêndice D.

A esse respeito Adichie (2017, p. 18), defende que “o trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue ‘dar conta de tudo’, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar”.

Embora saibamos que muitas mudanças já aconteceram e continuam acontecendo no que se refere à posição da mulher na sociedade, muitas relações familiares continuam sendo permeadas por padrões pautados no modelo patriarcal, isso se mostra no modo como as(os) estudantes percebem tais relações. Eles já percebem e apontam para uma necessidade de mudança, mas indicam que as práticas de hierarquia entre homens e mulheres no âmbito da família, ainda ocorrem de forma considerável.

#### **4.3 Atribuições de profissões para masculino e feminino e de brinquedos para ambos os sexos**

Os quadros 7 e 8<sup>11</sup>, dizem respeito às profissões culturalmente atribuídas a cada gênero, sendo o Quadro 7 destinado às profissões consideradas femininas, e o 8 às profissões consideradas masculinas.

Na primeira abordagem, houve uma lista maior de profissões atribuídas exclusivamente às mulheres (30% - 9 profissões) e aos homens (30% - 6 profissões). Após a intervenção, parece que alguns desses paradigmas foram quebrados, fazendo com que essas profissões não se repetissem na abordagem final às mulheres (22% - 3 profissões) e aos homens (17% - 2 profissões). Dentre àquelas que consideraram sendo profissões femininas, estavam: ginecologista, cabeleireira, manicure, professora, empregada doméstica, babá, psicóloga e secretária. Dentre as masculinas apareceram pedreiro, mecânico, soldado, representante religioso, urologista, caminhoneiro.

Após a intervenção, mantiveram-se na lista das profissões consideradas femininas, ginecologista, manicure e babá; e as consideradas masculina, como urologista e representante religioso. Observamos, contudo, que mesmo com a maior sensibilização das(os) participantes acerca das possibilidades de homens e mulheres exercerem profissões diversas, há uma certa dificuldade em romper com determinados padrões.

Para melhor compreendermos esse funcionamento, retomamos a concepção de Joan Scott (1990), que define gênero como o modo pelo qual as diferenças sexuais são percebidas e hierarquizadas a partir de um ponto de vista dualista. Nessa perspectiva, vemos nas respostas

---

<sup>11</sup> Apêndice E.

das(os) participantes, a associação culturalmente produzida que relaciona homens a profissões que exigem força física, às posições de liderança e às que estão relacionadas à sexualidade masculina e, as mulheres, às profissões que estão associadas à maternidade, ao cuidado infantil, à estética e à sexualidade feminina, por exemplo.

A esse respeito, é importante ressaltar que Scott (*op. cit.*) não nega as diferenças entre os sexos, o que ela questiona são os modos como essas diferenças estão significadas culturalmente e colocadas em níveis hierárquicos. Por este viés, se pensarmos as profissões, cria uma divisão desigual ao estabelecer para os homens, o lugar da força, da intelectualidade, da aptidão à liderança e para as mulheres o lugar do natural, uma vez que o cuidado materno é significado como instinto, assim como a delicadeza e sensibilidade necessárias aos cuidados estéticos são naturalizados como inerentes ao sexo feminino.

Além disso, há o pudor que se desenvolve acerca da sexualidade, tanto masculina como feminina, que são tratados socialmente como temas tabus e criam padrões até mesmo para as(os) profissionais da medicina que tratam do sistema reprodutor masculino e feminino, sendo as médicas associadas à ginecologia e os médicos à urologia.

Os quadros 9 e 10<sup>12</sup>, apresentam as percepções acerca de brinquedos considerados de meninos ou meninas, bem como os brinquedos que podem ser usados por ambos, sendo que o Quadro 9 apresenta as respostas dos participantes do sexo masculino e o Quadro 10, das participantes do sexo feminino.

Destacamos o modo como determinados brinquedos ou brincadeiras, como boneca, carrinho e o “brincar de casinha” são analisados pelas(os) participantes com base em estereótipos de gênero muito arraigados na nossa sociedade. Na abordagem inicial, tanto os estudantes do sexo masculino, quanto as do sexo feminino foram praticamente unânimes ao apontar que carrinho é um brinquedo exclusivamente de meninos (100% e 94% respectivamente) e que boneca (100% e 97% respectivamente) e, brincar de casinha (100% das(os) estudantes), são exclusivos de meninas.

Mesmo após a intervenção, na abordagem final, as variações desses resultados foram mínimas (de 7% a 33%), sendo poucos os que consideraram que são brinquedos/brincadeiras possíveis a ambos. Estes dados em especial, mostram se cristalizaram, culturalmente, a distinção de gênero.

Como explica Adiche (2009), o problema dos estereótipos não é eles serem mentiras, é eles serem incompletos e criarem uma versão única da história. No caso dos estereótipos que

---

<sup>12</sup> Apêndice F.

associam determinados brinquedos/brincadeiras a um único gênero, reforçam os padrões de comportamento que consideram os indivíduos não associados a tais paradigmas, como desviantes, como por exemplo quando há o interesse de um menino em brincar de boneca, casinha, ou o interesse de uma menina em brincar de carrinho. Estas manifestações são vistas e consideradas antinaturais e, não raramente, são reprimidas.

Podemos considerar que um processo parecido ocorre em relação às profissões que analisamos nos quadros anteriores (07 e 08), o fato de homens e mulheres ocuparem profissões culturalmente constituídas como “próprias” de um sexo e “impróprias” para outro gera não apenas estranhamento, mas faz com que, em muitos casos, esses profissionais tenham suas capacidades questionadas ou colocadas à prova.

Trata-se mesmo, de estereótipos que se constituem acerca dos papéis de gênero na sociedade, que estabilizam e cristalizam padrões, que criam a ilusão de que carrinho é brinquedo de menino e boneca é brinquedo de menina; que profissões associadas à força física são exclusivas para homens e as associadas ao cuidado com crianças, como babá, professora, por exemplo, são destinadas às mulheres; que azul é cor de menino e rosa é cor de menina; que meninas são mais comportadas que meninos, etc., Todo este universo de percepções culturais, mesmo após as atividades de intervenção realizadas com as(os) alunas(os) sinalizam ainda para as dificuldades que o grupo apresenta para desconstruir tais modelos.

Sabemos, entretanto, que a mudança de comportamento requer algum tempo. Por isso, é fundamental que questões como as desenvolvidas por esta pesquisa, sejam constantemente abordadas pelos currículos escolares. Somente assim, poderemos ter gerações mais conscientes de suas responsabilidades cidadãs na construção de uma sociedade com equidade de gênero.

#### **4.4 Gênero e a disciplina de educação física**

Os quadros 11, 12, 13 e 14<sup>13</sup> expõem os resultados sobre as percepções das(os) participantes a respeito de temas que envolvem as aulas práticas de educação física. Consideramos de suma importância discutir tais questões, por envolverem aspectos que interferem na socialização das(os) estudantes, bem como a equidade na participação das atividades, como bem explica Louro (1997, p. 72) “Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente”.

---

<sup>13</sup> Apêndice G.

De acordo com a autora, isso ocorre porque esta é uma área em que as resistências em relação ao trabalho integrado não apenas persistem, mas se renovam a partir de novas argumentações e teorizações.

Os resultados demonstrados no Quadro 11 apontam a percepção dos entrevistados a respeito das aulas práticas de educação física serem mistas, realizada com estudantes do sexo masculino e feminino juntos.

Nesse quesito, as(os) participantes se mostraram receptivos à ideia das aulas mistas, e os resultados se mantiveram equivalentes da primeira abordagem (91%). Para a final (89%). Acreditamos que estes resultados tenham sido influenciados pela realidade vivenciada pelas(os) estudantes que cursam o terceiro ano e, desde o início do ensino médio, participam de aulas mistas.

Os quadros seguintes (12 e 13) apresentam respostas sobre haver ou não atividades físicas exclusivamente femininas, descritas no Quadro 12, e/ou exclusivamente masculinas, representadas no Quadro 13.

Nesse quesito, na abordagem inicial, foram apresentadas diversas atividades físicas que as(os) participantes consideravam exclusivamente femininas ou masculinas, ainda que os percentuais entre elas permanecessem variados (49% e 48% respectivamente). Na abordagem final, houve uma grande mudança nas respostas, pois 97% das estudantes e 95% dos estudantes passaram a considerar, que as atividades podem ser realizadas por qualquer pessoa, independente do gênero. Na abordagem final, apenas a ginástica foi mencionada como atividade feminina, com um percentual pequeno de 3%, e o futebol/futsal como atividade masculina, também com um baixo percentual, de 5%.

Recorrendo novamente a Louro (1997) que afirma ser comum que professores e professoras de educação física ainda atuem pautados em critérios de diferenciação entre homens e mulheres e sustentem que, fisicamente, mulheres são menos capazes que homens. Isso se dá, com base em antigas literaturas que, por muito tempo difundiram esse pensamento. Mas a autora também aponta que:

No entanto, as transformações que vêm sendo introduzidas em várias práticas esportivas, ao longo dos tempos, motivadas pelos mais distintos argumentos (alterações nos equipamentos, emprego de novos materiais ou recursos tecnológicos, uso de espaços físicos distintos) parecem ser incorporadas ou absorvidas mais facilmente, ou, pelo menos, sem que se recorra a uma lógica do “desvio” e da “exceção”. (LOURO, 1997 p. 73).

A área da educação física ainda apresenta determinadas resistências no que se refere a um debate mais eficiente sobre as questões de gênero. Entretanto, já é, também, possível encontrar pontos de abertura para novas práticas mais inclusivas, um dos caminhos possíveis, pode ser o de ouvir as(os) alunas(os), pois como mostram os dados acima, é possível encontrar entre elas(es), maior flexibilidade e disponibilidade para as mudanças.

No Quadro 14, as(os) alunas(os) expressam suas opiniões sobre a não participação nas aulas de educação física, por motivos familiares e/ou religiosos. Consideramos importante essa reflexão, considerando que é bastante comum esta situação estar presente nas aulas de educação física de qualquer escola. Tal situação se apresenta como um desafio para as(os) professoras(es) da área. Dessa forma, as respostas apresentadas no Quadro 14, expressam as percepções das(os) estudantes a respeito da não obrigatoriedade da participação na aula prática por razões particulares, sejam de motivação familiar e/ou religiosa.

De modo geral, o que observamos é que as(os) alunas(os) têm certo receio em opinar sobre essa questão. Dentre as respostas apresentadas, gostaríamos de destacar que, 48%, consideram que os dogmas devem ser respeitados<sup>14</sup> e, 11% preferiram não responder a essa questão. As demais respostas são variadas (pag 15).

Mais uma vez, é preciso pontuar a necessidade de abordar os temas transversais no ensino das relações de gênero, pois são temas que estão diretamente ligados ao modo como as(os)estudantes se relacionam com essas questões em outros espaços de socialização, que afetam diretamente o modo como essas abordagens são recebidas na escola.

#### **4.5 Temas importantes nas aulas de educação física**

Nos quadros 15 e 16<sup>15</sup>, as análises se relacionam com a percepção das(os) estudantes a respeito de temas transversais. As questões apresentadas objetivaram verificar a importância de aborda-los (Quadro 15) e quais os temas sugeridos pelas(os) participantes a ser abordados na escola (Quadro 16).

Sobre o assunto, (Quadro 15), a primeira abordagem mostrou que a maior parte das respostas (96%), foram favoráveis à discussão dos temas transversais na escola, sendo as respostas justificadas por considerarem que isso é necessário para promover a igualdade e por compreenderem que a escola é o espaço para essas discussões. Apenas um das(os)

---

<sup>14</sup> É preciso considerar que 34% da população de Rondônia se declara evangélica (Censo, 2010 – IBGE, 2012).

<sup>15</sup> Apêndice H.

entrevistadas(os) se mostrou contrário por considerar que a escola é composta, majoritariamente, por heterossexuais e uma pessoa não respondeu.

Após a intervenção, a abordagem final evidencia um conjunto de respostas mais elaboradas por parte das(os) estudantes, elencando respostas mais abrangentes sobre a importância das discussões sobre relações de gênero., identidade de gêneros e orientação sexual na escola, com respostas que indicam que os temas são necessário para abolir preconceitos e desigualdades, pois consideram que na escola há uma diversidade de gêneros (35%); para mostrar a importância da equidade entre os gêneros e para a quebra dos padrões tradicionais patriarcais(30%); para compreender as diferenças corporais entre ambos(16%).; para compreender que todos têm direitos iguais, independente do gênero(14%).. Apenas duas pessoas optaram por não responder a essa questão.

Bortolini (2011), considera a escola como um espaço ao mesmo tempo de confronto e de diálogos entre diferentes sujeitos e diferentes modos de significação, pois:

Quando um adolescente monta a sua roupa, intervém no seu corpo, bota um piercing, faz um cabelo, e mais, quando ele sai da frente do espelho e vai para a rua, para a escola, quando ele anda de um determinado modo, quando ele fala desse ou daquele jeito, quando ele pega o ônibus, o trem ou o metrô, ele entra num jogo de disputa social, um jogo que, além de político, é cultural. É a afirmação de uma outra estética, de uma outra postura, de uma outra identidade, muitas vezes não-hegemônica. (Ibidem, p. 31).

O autor reforça ainda, que essa é uma questão imprescindível, pois fala do modo como o Eu se coloca no mundo, ao fazer isso, o(a) adolescente se expõem, inclusive em riscos, pois não passará despercebido(a), podendo gerar piadas e até agressões. Portanto, é cada vez mais urgente a necessidade de sensibilização dos jovens para a convivência com a diferença enquanto espaço de pluralidade, multiplicidade, diversidade. Não significa apenas compreender que o Outro existe, de forma que não interfira na ordem estabelecida, mas compreender que cada indivíduo faz parte de um todo complexo e diverso, e que o anormal é o estabelecimento de um modelo único e limitado para definir o todo ou a todos.

#### **4.6 Preconceito de gênero**

O Quadro 17<sup>16</sup> apresenta a percepção das(os) estudantes sobre o preconceito motivado por questão de gênero. Essa abordagem teve por objetivo verificar quais gêneros são

---

<sup>16</sup> Apêndice I.

(re)conhecidos por elas(es) e o que compreendem a respeito do preconceito direcionado a um gênero específico.

Antes da intervenção, na abordagem inicial, 100% das(os) estudantes reconheceram como gênero, as categorias homem e mulher, e demonstraram conceber essa percepção relacionada ao sexo biológico. Enquanto 84%, deles consideram que a mulher é quem mais sofre com manifestações de preconceito.

Já na abordagem final, após as intervenções da pesquisa, as(os) estudantes passaram a reconhecer outras identidades de gênero, que vão além do padrão binário de feminino e masculino. Passaram a reconhecer e identificar pessoas transgênero de cisgênero. Desta forma, continuam a considerar o preconceito contra a mulher cisgênero (38%), mas passam a admitir, também, o preconceito sofrido por pessoas transgênero (40%).

Na abordagem inicial, os estudantes pareciam não se sentir à vontade para expressar seus conhecimentos sobre os gêneros transexuais, o que mudou após o diálogo aberto e natural sobre esse tema.

Como aponta Louro (2008), com base em Foucault, a norma se constitui a partir de relações de poder, mas não pela força, ela não é estabelecida por um soberano, mas está em toda parte em forma de recomendações repetidas que servem de parâmetros ao coletivo. Assim, a diferença só existe na relação com essa norma, pois como a autora explica:

A diferença não preexiste nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja, lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. (LOURO, 2008, p. 22).

Nessa perspectiva, a abordagem das relações de gênero no espaço escolar, perpassa pela desconstrução, pelo questionamento das normas, pela desnaturalização de tudo que é concebido social e culturalmente como normal, de acordo com Adichie (2015, p. 36): “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”.

Consideramos todo o material de pesquisa que obtivemos das (os) participantes, muito rico em possibilidades interpretativas e analíticas, para além do nosso olhar e de nossas análises. Ele pode ser analisado por outros olhares ou por outros vieses teóricos, acreditamos que esta pesquisa possa corroborar para que outras práticas sejam desenvolvidas com o intuito de tornar

nossos espaços, públicos e privados, em espaços mais libertários, onde cada indivíduo possa vivenciar a sua subjetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diversos momentos, este trabalho de pesquisa se configurou também, como espaço de intervenção ao desenvolver as diversas etapas de trabalho como as rodas de conversa ou sessão de filme e neste momentos, sentíamos estar contribuindo com elementos que poderiam subsidiar quantitativa e qualitativamente os debates, fomentando assim maior compreensão sobre as relações de gênero e respeito a diversidade.

Durante todo o percurso de pesquisa através das aulas, convivência com as(os) estudantes, afetamos e também fomos afetadas pelas relações que dizem respeito a sensibilidade individual e coletiva. Situações comuns, quando se trata de uma pesquisa participante.

Em muitos momentos, aprendíamos mais que ensinávamos, pois o alunado não é formado por sujeitos “tábula rasa”, são adolescentes que carregam consigo saberes acrescidos ao saber escolar e que transformam sensivelmente as relações interpessoais no espaço escolar.

O mestre Paulo Freire já nos alertava para este processo, não há quem somente ensina e quem somente aprende. Por se tratar de relações entre professoras(es) e alunas(os) trocamos saberes; juntos, ora aprendemos, ora ensinamos.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (FREIRE, 2004, p 68).

Nas interações iniciais, a timidez tolheu, momentaneamente, a capacidade argumentativa de parte das(os) estudantes, mas logo após este primeiro impacto, foi tomando espaço uma relação dialógica pautada numa escala horizontal, e de forma a permitir maiores trocas de saberes entre educandas(os) e pesquisadora.

Desconstruir redes de saberes e poderes solidificados, normalizados, tradicionalizados e, acima de tudo, normatizados, não é tarefa fácil, tampouco apresenta resultados amplos imediatos. Apesar da família ser a instância mais próxima e o Estado ser a instância maior, é atribuída a Escola a incumbência de trabalhar temas de tamanha complexidade e relevância, que nem sempre conta com o apoio da sociedade ou mesmo da própria comunidade escolar.

Entretanto, não devemos esquecer que, cabe a escola a formação intelectual de quem as frequenta. À ela, não cabe estabelecer juízo de valores nenhum, sejam morais, religiosos ou culturais, o que cabe às ações da escola é a formação intelectual que privilegie os pressupostos da cidadania, dos valores de liberdade, de respeito às diferenças e a diversidade.

Durante o tempo de pesquisa procuramos deixar claro já a partir do método (Pesquisa Participante), que enquanto professora, também nos encontrávamos na condição de pesquisadora que participa, fala, ouve, cogita e, à luz da teoria, analisa.

A dinâmica desta pesquisa possibilitou a escola se colocar como o *locus* de resistência, transformando-se em lugar de desconstrução de temas que a sociedade, tantas vezes, acaba por naturalizar, hierarquizar, classificar, rotular e estereotipar.

Neste sentido, este trabalho corroborou para o pensamento de nossas atitudes enquanto educadoras(es). Quiçá, para que nossas ações possam se traduzir em ações afirmativas na formação de cidadãos e cidadãs conscientes de seu papel na sociedade.

Devemos lembrar que as construções conceituais são sempre uma invenção/percepção de um grupo ou de uma determinada sociedade e que visa ser ou ter a verdade final sobre uma determinada situação ou comportamento social. Entretanto, a vida humana é dinâmica, complexa e heterogênea, considerando as mudanças muito velozes que ocorrem na sociedade atual, devemos nos atentar para a provisoriedade dos conceitos de verdade, estar sempre alertas para os novos eventos, dinâmicas e tendências sociais, culturais, políticas, estéticas e de costumes, pois tudo isso, diz respeito a subjetividade humana.

Sobre a questão inicial que esta pesquisa se propôs a investigar “o que compreendem, expressam e sugerem estudantes da educação profissional e tecnológica acerca das relações de gênero”, podemos concluir que esperam do ambiente escolar um espaço onde a multiplicidade e a diversidade de indivíduos e de ideias possam circular com mais liberdade e democracia.

O resultado dos encontros com as(os) estudantes e dos materiais que produziram nas oficinas desenvolvemos o Produto Educacional organizado em formato de Manual para apresentação e propagação de seu teor relacionado ao tema desenvolvido na pesquisa. Este “Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual” tem por finalidade colaborar para um melhor entendimento dos termos relacionados às questões de gênero presentes na escola e, assim, contribuir para a diminuição de preconceitos e estigmas no ambiente escolar, sobretudo na EPT.

O manual foi elaborado a partir dos resultados da pesquisa, se utiliza de bases bibliográficas científicas, bem como do material produzido pelos estudantes participantes da pesquisa. Terá como público alvo as alunas, alunos, professoras, professores, técnicos e técnicas

do ensino médio, em especial da EPT, assim como também as escolas das redes pública e privada do sistema educacional do Estado de Rondônia.

Ficará disponível para as demais escolas de ensino médio do país e também ao público com interesse em conhecer melhor as questões que envolvem respeito às diversidades de gênero.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução: Denise Bottmann. - 1 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2018.

BORDA, Orlando F. **Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante**: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 42-62.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Revista Espaço Acadêmico, Ano XI, n. 123, p. 27-37, ago. 2011.

BRANDÃO, C. R. (1998). **Participar-pesquisar**. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense

\_\_\_\_\_. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (orgs.). (Org.). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana**. Brasília: MEC/CNE, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação**. Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL (Org.). **Educação física e temas transversais na escola**. Rio de Janeiro: Papirus, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo:Brasilense, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

JESUS, J. G. **Trans-formações**: poder e gênero nos novos tempos. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012.

LINS, Beatriz Accioly. **Diferentes, não desiguais**: A questão de gênero na escola. Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura – 1. ed. – São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008.

\_\_\_\_\_, G. L.; NECKEL; J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 09-83.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Nota informativa**. Livres & Iguais. Pessoas transgênero. 2017. Disponível em: <<https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2017/05/Transgender-PT.pdf>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

NASCIMENTO, M. J.; SILVA, Y. F. O. **Gênero e Sexualidade**: uma ação educativa no centro de educação profissional. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011.

ROMERO, E. **Os estereótipos, as representações sociais, as questões de gênero e as repercussões sobre o corpo**. Livro: Imaginários e Representações Sociais em EFI, Esportes e Lazer. Ed. Gama, 2001

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992

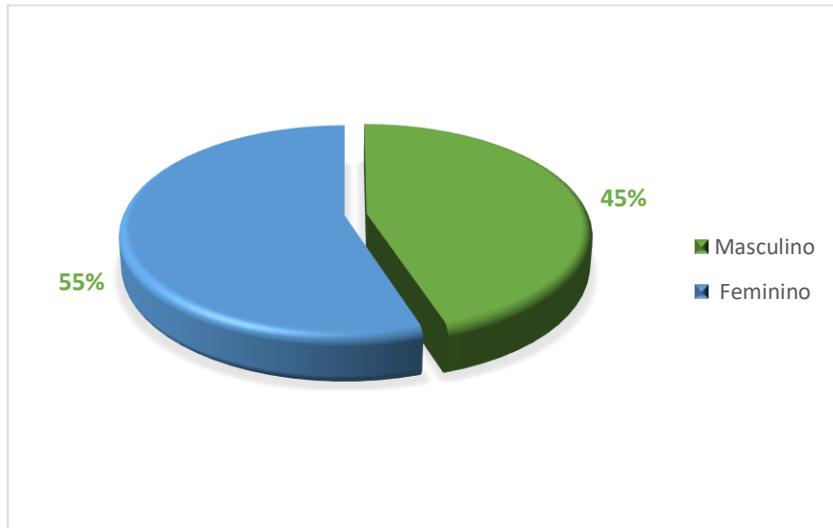
SARAIVA, M. do C. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é mito. 2.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1990.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Resultados da auto declaração de sexo das(os) participantes na abordagem inicial

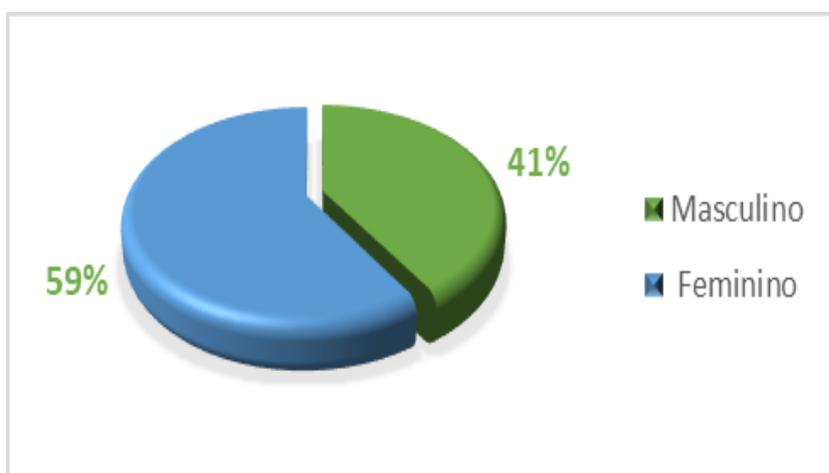
Gráfico 1 – Auto declaração de sexo das(os) participantes no primeiro questionário



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Apêndice B – Resultados da auto declaração de sexo das(os) participantes na abordagem final**

**Gráfico 2 – Auto declaração de sexo das(os) participantes no segundo questionário**



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Apêndice C – Percepção das(os) participantes sobre os papéis de gênero na sociedade

Quadro 1: Definição sobre o papel da mulher na sociedade

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Fazer serviços domésticos e cuidar dos filhos e marido	13	52%	8	26%	21	38%
Ela pode ser o que quiser ser	4	16%	8	26%	12	21%
Trabalhar para o sustento da casa	1	4%	8	26%	9	16%
Reprodução e origem de novas pessoas	4	16%	3	10%	7	13%
Ser igual ao homem	1	4%	2	6%	3	5%
Um ser frágil	1	4%	1	3%	2	4%
Não se define o papel de indivíduos por seu sexo.	1	4%	1	3%	2	4%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Ela pode ser o que quiser ser	6	40%	4	18%	10	27%
Mulher considerada como dona do lar, mãe e esposa	3	20%	7	32%	10	27%
Estudar, trabalhar e ter filhos	3	20%	4	18%	7	19%
Ter tudo o que quer igualmente ao do homem	3	20%	3	14%	6	16%
Mulher que luta	0	0%	4	18%	4	11%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 2: Definição sobre o papel do homem na sociedade**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Trabalhar e Manter a casa	16	64%	9	29%	25	45%
Fundamental para a sociedade	4	16%	6	19%	10	18%
Pai e Protetor do lar	2	8%	7	23%	9	16%
Ele pode ser o que quiser	1	4%	4	13%	5	9%
Não se define o papel de indivíduos por seu sexo.	1	4%	2	6%	3	5%
Não respondeu	1	4%	3	10%	4	7%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Estudar, trabalhar e ter filhos	5	33%	6	27%	11	30%
Onde ele gostaria de estar	7	47%	2	9%	9	24%
Chefe da família, protetor	1	7%	5	23%	6	16%
Centro, líder da sociedade	2	13%	4	18%	6	16%
Uma pessoa forte	0	0%	4	18%	4	11%
Não respondeu	0	0%	1	5%	1	3%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 3: Percepção de semelhança e igualdades entre mulheres e homens**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
São seres humanos, mas o homem é superior a mulher.	16	64%	12	39%	28	50%
Ter direitos iguais, em alguns casos.	3	12%	12	39%	15	27%
Ambos trabalham para o sustento da casa.	4	16%	2	6%	6	11%
Ambos têm determinação e inteligência.	1	4%	3	10%	4	7%
Não respondeu.	1	4%	2	6%	3	5%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Ambos são seres humanos, tem os mesmos direitos	5	33%	9	41%	14	38%
Ambos são fortes no sentido de conquistar o que almejam	4	27%	6	27%	10	27%
Ambos podem atuar na mesma área	2	13%	5	23%	7	19%
Não apresentam semelhança, essa igualdade tão sonhada não existe realmente.	4	27%	2	9%	6	16%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Apêndice D – Percepção das(os) participantes sobre os papéis de homens e mulheres no âmbito familiar**

**Quadro 4: Percepção da liberdade oferecida pela família (abordagem inicial) e como almejam que seja (abordagem final) às meninas e os meninos.**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>MENINOS</b>	Porque o mundo é menos perigoso para o homem e a mulher é um ser frágil	12	48%	16	51%	28	50%
	Por que a mulher deve ser recatada.	7	28%	11	36%	18	32%
	Em razão da cultura e costume familiar serem sexista.	3	12%	4	13%	7	13%
	Porque a mulher nasceu para ser dona de casa.	3	12%	0	0%	3	5%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>AMBOS</b>	O tratamento das meninas e dos meninos deve ser igual.	6	40%	11	50%	17	46%
	Importante a família observar a maturidade e não somente o sexo.	4	27%	5	23%	9	24%
<b>MENINAS</b>	Para mostrar a família que são responsáveis pelo próprio comportamento.	0	0%	6	27%	6	16%
<b>MENINOS</b>	Porque o homem é forte, a mulher é frágil, deve ser seguida essa herança social passada de geração para geração.	5	33%	0	0%	5	14%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 5: Tomada de decisão no âmbito familiar**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Mãe e pai em conjunto, as decisões são mais exatas.	10	40%	14	45%	24	43%
Homem, porque é o chefe da casa.	11	44%	9	29%	20	36%
Mulher, porque passa mais tempo em casa.	2	8%	6	19%	8	14%
Pelo mais velho da família, por ter mais sabedoria.	2	8%	2	6%	4	7%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Por todos da família, incluindo os filhos, assim as decisões serão mais assertivas.	2	13%	11	50%	13	35%
Pela mãe e pai da família a tomada de decisão se torna mais equilibrada e correta	7	47%	5	23%	12	32%
Mulher, geralmente ela passa mais tempo em casa e sabe o que é melhor para a família	4	27%	4	18%	8	22%
Pessoa mais velha da família, por ser mais sábia.	1	7%	2	9%	3	8%
Homem, por apresentar a imagem de protetor da família	1	7%	0	0%	1	3%

Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

**Quadro 6: Realização de atividades domésticas pela família de estudantes da EPT**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>MÃE</b>	Por ficar mais tempo em casa tem mais tempo para as atividades domésticas	20	76%	19	55%	39	69%
<b>PAI</b>	Porque ele gosta	1	4%	0	0%	1	2%
<b>OUTROS</b>	Todos da casa	2	8%	3	10%	5	9%
	Estudante	0	0%	5	16%	5	9%
	Avó	2	8%	1	3%	3	5%
	Diarista	0	0%	2	6%	2	4%
	Irmãos	0	0%	1	3%	1	2%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>TODOS</b>	As tarefas deveriam ser divididas entre toda a família	10	67%	18	82%	28	76%
<b>OUTROS</b>	Pela pessoa que mais passa tempo em casa	2	13%	3	14%	5	14%
<b>PAI</b>	Homem, porque ele é quem mais suja a casa	1	7%	1	5%	2	5%
<b>MÃE</b>	Tem mais paciência e serviços doméstico são leves para ela	2	13%		0%	2	5%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Apêndice E – Percepção das(os) participantes sobre profissões consideradas femininas e/ou masculinas**

**Quadro 7: Profissões que deveriam ser exclusivas das mulheres**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>NÃO</b>	Ela tem o direito e capacidade de fazer o que quiser	15	60%	24	77%	39	70%
<b>SIM</b>	Ginecologista	0	0%	6	19%	6	11%
	Cabelereira/Manicure	1	4%	1	3%	2	4%
	Professora	3	12%	0	0%	3	5%
	Empregada doméstica/babá	3	12%	0	0%	3	5%
	Psicóloga	2	8%	0	0%	2	4%
	Secretária	1	4%	0	0%	1	2%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>NÃO</b>	Ela tem o direito e capacidade de fazer o que quiser	11	73%	18	82%	29	78%
<b>SIM</b>	Ginecologista	2	13%	3	14%	5	14%
	Manicure	2	13%	0	0%	2	5%
	Babá	0	0%	1	5%	1	3%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 8: Profissões que deveriam ser exclusivas dos homens**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>NÃO</b>	Ele tem o direito e capacidade de fazer o que quiser	16	64%	23	74%	39	70%
<b>SIM</b>	Serviços mais pesados (pedreiro/mecânico/soldado)	7	28%	4	13%	11	20%
	Representante religioso	2	8%	1	3%	3	5%
	Urologista	0	0%	2	6%	2	4%
	Caminhoneiro	0	0%	1	3%	1	2%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>NÃO</b>	Ele tem o direito e capacidade de fazer o que quiser	11	73%	19	90%	30	83%
<b>SIM</b>	Urologista	2	13%	2	10%	4	11%
	Representante religioso	2	13%	0	0%	2	6%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Apêndice F – Percepção das(os) participantes a respeito de brinquedos/brincadeiras considerados de meninos e/ou meninas**

**Quadro 9: Percepção de estudantes do sexo masculino quanto à atribuição de brinquedos por sexo**

<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Abordagem Inicial – Sexo Masculino V.a</b>	<b>Abordagem Final – Sexo Masculino %</b>	<b>Abordagem Inicial – Sexo Feminino V.a</b>	<b>Abordagem Final – Sexo Feminino %</b>	<b>Abordagem Inicial – A ambos os sexos %</b>	<b>Abordagem Final – A ambos os sexos %</b>
Carrinho	100%	67%	0%	0%	0%	33%
Boneca	0%	0%	100%	93%	0%	7%
Bola	92%	47%	0%	0%	8%	53%
Vídeo game	96%	27%	0%	0%	4%	73%
Jogos eletrônicos	92%	20%	0%	0%	8%	80%
Patins	8%	0%	88%	33%	4%	67%
Bicicleta	80%	13%	8%	0%	12%	87%
Jogo de cartas	96%	27%	0%	0%	4%	73%
Skate	92%	53%	0%	0%	8%	47%
Brincar de casinha	0%	0%	100%	93%	0%	7%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 10: Percepção de estudantes do sexo feminino quanto à atribuição de brinquedos por sexo**

<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Abordagem Inicial – Sexo Masculino V.a</b>	<b>Abordagem Final – Sexo Masculino %</b>	<b>Abordagem Inicial – Sexo Feminino V.a</b>	<b>Abordagem Final – Sexo Feminino %</b>	<b>Abordagem Inicial – A ambos os sexos %</b>	<b>Abordagem Final – A ambos os sexos %</b>
Carrinho	94%	77%	0%	0%	6%	23%
Boneca	0%	14%	97%	68%	3%	18%
Bola	3%	50%	84%	0%	13%	50%
Vídeo game	90%	59%	0%	0%	10%	41%
Jogos eletrônicos	81%	41%	0%	0%	19%	59%
Patins	42%	0%	35%	32%	23%	68%
Bicicleta	6%	0%	77%	9%	16%	91%
Jogo de cartas	77%	18%	0%	9%	23%	73%
Skate	84%	41%	0%	0%	16%	59%
Brincar de casinha	0%	0%	100%	86%	0%	14%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Apêndice G – Percepção das(os) participantes a respeito de temas que envolvem as aulas práticas de educação física**

**Quadro 11: Percepção de estudantes quanto à pratica de educação ser mista por sexo**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>JUNTOS</b>	Para promover o respeito às diferenças físicas	14	56%	9	29%	23	41%
	Promove a socialização e a quebra de preceitos.	8	32%	8	26%	16	29%
	Para evidenciar que estudantes podem realizar a mesma atividade.	0	0%	12	39%	12	21%
<b>SEPARADOS</b>	As diferenças físicas são muitas e o sexo feminino é o mais frágil	3	12%	0	0%	3	5%
	Os meninos são individualistas	0	0%	2	6%	2	4%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>							
<b>Conjunto de respostas</b>		<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
<b>JUNTOS</b>	Para demonstrar a importância de realizar a mesma atividade.	1	7%	13	59%	14	38%
	Para mostrar a importância de realizar atividades juntos e ver o potencial do outro.	8	53%	2	9%	10	27%
	Para desenvolver respeito, mostrando as semelhanças e as diferenças.	4	27%	5	23%	9	24%
<b>SEPARADOS</b>	Os meninos podem machucar as meninas durante a prática	2	13%	2	9%	4	11%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 12: Atividades físicas indicadas para pessoas de sexo feminino**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Todas	14	56%	15	48%	29	52%
Vôlei/Handebol	6	24%	8	26%	14	25%
Atividades com menos esforço físico	2	8%	5	16%	7	13%
Exercícios localizados	2	8%	2	6%	4	7%
Danças	1	4%	1	3%	2	4%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Todas	15	100%	21	95%	36	97%
Ginastica	0	0%	1	5%	1	3%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 13: Atividades físicas indicadas para indivíduos do sexo masculino**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Todas	14	56%	15	48%	29	52%
Futebol, futsal	11	44%	13	42%	24	43%
Atividades com maior esforço físico	0	0%	2	6%	2	4%
Exercícios localizados	0	0%	1	3%	1	2%
<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Todas	15	100%	20	91%	35	95%
Futebol/futsal	0	0%	2	9%	2	5%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 14: Percepção sobre a não participação nas aulas de educação física por motivo familiar ou religioso.**

<b>ABORDAGEM INICIAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Os dogmas familiares devem ser respeitados	10	40%	17	55%	27	48%
Errado excluir da prática que faz tão bem para a saúde e promove a socialização e as vezes o estudante nem escolheu aquela religião.	9	36%	8	26%	17	30%
A escola deveria conversar com a família e acordarem para o(a) estudante participar das aulas.	5	33%	1	5%	6	16%
É uma forma de preconceito e repressão por parte da igreja, a prática da educação física não interfere na fé.	2	8%	4	13%	6	11%
Não respondeu	4	16%	2	6%	6	11%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Apêndice H - Percepção das(os) estudantes a respeito de temas transversais

Quadro 15: Importância de abordar temas transversais relacionados à gênero

ABORDAGEM INICIAL							
Conjunto de respostas		Sexo Masculino V.a	Sexo Masculino %	Sexo Feminino V.a	Sexo Feminino %	Total V.a	Total %
SIM	Para promover a igualdade.	18	72%	26	84%	44	78%
	A escola é lugar indicado para falar sobre o assunto.	5	20%	5	16%	10	18%
NÃO	Na escola a maioria são heterossexuais.	1	4%	0	0%	1	2%
	Não respondeu	1	4%	0	0%	1	2%
ABORDAGEM FINAL							
SIM	Para abolir preconceitos e desigualdades, pois, dentro da escola há uma diversidade de gêneros.	4	27%	9	41%	13	35%
	Mostrar a importância da equidade entre os gêneros, para a quebra dos padrões tradicionais patriarcais.	3	20%	8	36%	11	30%
	Compreender as diferenças corporais entre ambos	2	13%	4	18%	6	16%
	Para compreender que todos têm direitos iguais independente do gênero.	4	27%	1	5%	5	14%
NÃO	Não respondeu	2	13%		0%	2	5%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

**Quadro 16: Sugestões de temas transversais para a disciplina de Educação Física**

<b>ABORDAGEM FINAL</b>						
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Sexo Masculino V.a</b>	<b>Sexo Masculino %</b>	<b>Sexo Feminino V.a</b>	<b>Sexo Feminino %</b>	<b>Total V.a</b>	<b>Total %</b>
Inclusão de pessoas com deficiência nas aulas práticas de educação física.	3	20%	8	36%	11	30%
Inclusão de pessoas transexuais nos esportes coletivos.	3	20%	6	27%	9	24%
Sexualidade	2	13%	3	14%	5	14%
Racismo	3	20%	1	5%	4	11%
Preconceito e Desigualdade	2	13%	1	5%	3	8%
Diferenças físicas	1	7%	2	9%	3	8%
Doenças mentais e esporte		0%	1	5%	1	3%
Jogos indígenas	1	7%		0%	1	3%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Apêndice I - Percepção das(os) estudantes sobre o preconceito motivado por questão de gênero

Quadro 17: Percepções sobre preconceito de gênero

ABORDAGEM INICIAL							
Conjunto de respostas		Sexo Masculino V.a	Sexo Masculino %	Sexo Feminino V.a	Sexo Feminino %	Total V.a	Total %
<b>MULHER</b>	Sofre quando não quer ter filho, ou quando têm filho solteira. É considerada um sexo frágil e incapaz.	22	88%	25	81%	47	84%
<b>HOMEM</b>	Quando demonstra amor e fragilidade é diminuído pela sociedade.	3	12%	2	6%	5	9%
ABORDAGEM FINAL							
Conjunto de respostas		Sexo Masculino V.a	Sexo Masculino %	Sexo Feminino V.a	Sexo Feminino %	Total V.a	Total %
<b>MULHER CISGÊNERO</b>	Têm salário inferior, cargo de menor prestígio (em relação ao homem), é frágil.	5	33%	9	41%	14	38%
<b>TRANSEXUAL</b>	A sociedade espera que o gênero corresponda ao sexo biológico.	2	13%	7	32%	9	24%
<b>MULHER TRANS</b>	Não é aceita pela sociedade em vários ambientes, sendo inferiorizada.	2	13%	4	18%	6	16%
<b>HOMEM CISGÊNERO</b>	Quando contraria os papéis de gênero ditado pela sociedade.	3	20%	2	10%	5	14%
	Não respondeu	3	20%	0	0%	3	8%

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

## Apêndice J - Questionário Inicial

### Questionário 01 para as(os) alunas(os) participantes da pesquisa

Pesquisa: “Estudantes da educação profissional e tecnológica do IFRO: o que compreendem, expressam e sugerem acerca das relações de Gênero”.

Pesquisador responsável: Julia de Souza Lopes Basso

- 1 – Qual o seu sexo? (  ) Masculino (  ) Feminino
- 2 – Qual a sua definição acerca do papel da mulher na sociedade?
- 3 – Qual a sua definição acerca do papel do homem na sociedade?
- 4 - Que igualdades ou semelhanças você percebe entre o “homem” e a “mulher”?
- 5 - Os pais dão mais liberdade “aos filhos” ou “as filhas”? Por qual motivo você pensa dessa forma?
- 6 – As decisões mais importantes a serem tomadas na família, são decididas por quem? Qual a sua opinião a respeito?
- 7 - Você faz alguma atividade doméstica?  
Sim (  ) Qual?
8. Quem realiza mais as atividades domésticas em sua casa e por quê?  
Pai (  ) Mãe (  ) Irmãos (  ) Outros (  ) Especifique: \_\_\_\_\_
- 9 – Você definiria alguma profissão que só a mulher deveria ter? Qual?
- 10 – Você definiria alguma profissão que só o homem deveria ter? Qual?
- 11 - Para você os brinquedos abaixo são atribuídos com mais frequência para meninos ou para meninas. Marque 1 para menino e 2 para menina.  
(  ) Carrinho (  ) Boneca (  ) Bola (  ) Vídeo game (  ) Jogos eletrônicos (  ) Bicicleta (  ) Patins
- 12 – Na sua opinião as aulas de educação física devem ser mistas? Comente.
- 13 - Quais atividades físicas você considera ser direcionada para as meninas?
- 14- Quais atividades físicas você considera ser direcionada para os meninos?
- 15 – Comente sobre meninas ou meninos não poderem participar das aulas de educação física por motivo familiar ou religioso.
- 16- Você considera importante a abordagem do tema “relações de gênero” nas aulas de educação física? Por qual motivo?
- 17- O que você pensa a respeito do preconceito relacionado ao Gênero?
- 18 – Quem você considera sofrer mais com o preconceito de gênero? Comente.

## Apêndice K - Questionário Final

### Questionário 02 para as(os) alunas(os) participantes da pesquisa

**Pesquisa:** “Estudantes da educação profissional e tecnológica do IFRO: o que compreendem, expressam e sugerem acerca das relações de Gênero”.

**Pesquisadora responsável:** **Julia de Souza Lopes Basso**

- 1 – Qual o seu sexo? ( ) Masculino ( ) Feminino
- 2 – Para você qual é o papel da mulher na sociedade?
- 3 – Para você qual é o papel do homem na sociedade?
- 4 - Você percebe igualdades e semelhanças entre o “homem” e a “mulher”? Quais?
- 5 - Os pais deveriam dar mais liberdade “aos filhos” ou “as filhas”? Por qual motivo você pensa dessa forma?
- 6 – As decisões mais importantes a serem tomadas na família, deveriam ser decididas por qual membro da família? Comente?
- 7 - Quem deveria realizar mais as atividades domésticas em uma casa? Fale a respeito.
- 8 - Você pensa em alguma profissão que só a mulher deveria ter? Qual?
- 9 – Você pensa em alguma profissão que só o homem deveria ter? Qual?
- 10 – Para você os brinquedos abaixo são atribuídos com mais frequência para meninos ou para meninas. Marque 1 para menino e 2 para menina e 3 para ambos  
( ) Carrinho ( ) Boneca ( ) Bola ( ) Vídeo game ( ) Jogos eletrônicos  
( ) Bicicleta ( ) Patins ( ) Jogo de cartas ( ) Skate ( ) Brincar de casinha
- 11 – Na sua opinião as aulas de educação física devem ser realizadas com meninos e meninas juntos ou separados? Justifique.
- 12 – Existem atividades físicas ou esportivas que você considera ser somente para as meninas?
- 13 - Existem atividades físicas ou esportivas que você considera ser somente para as meninas?
- 14 – Fale sobre o preconceito no esporte.
- 15 – Após as rodas de conversas e oficinas o que você passou a pensar sobre:  
Desigualdade de Gêneros:  
Preconceito relacionado ao Gênero:  
Preconceito no esporte:
- 16- Você considera importante a abordagem do tema “relações de gênero” nas aulas de educação física? Por qual motivo?
- 17- Qual tema transversal considera importante ser estudado também nas aulas de Ed.Física?

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
RONDÔNIA  
CAMPUS PORTO VELHO CALAMA  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE  
NACIONAL - PROFEPT**

**Apêndice L - Encarte do Produto Educacional  
MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL**

**Autora:** Julia de Souza Lopes Basso

**Orientadora:** Jania Maria de Paula

## **1. DESCRIÇÃO DO PROCESSO OU PRODUTO EDUCACIONAL**

### **1.1. Introdução/Justificativa**

A Educação Profissional e Tecnológica almeja uma formação profissional humanista, unitária e com foco na formação integral do indivíduo. Reafirmando esse objetivo o PNE - Plano Nacional de Educação, período 2011-2020, apresenta entre seus principais objetivos: propiciar condições para que as referidas políticas educacionais, concebidas e efetivadas de forma articulada entre os sistemas de ensino, promovam: o direito do/da estudante à formação integral com qualidade; o reconhecimento e valorização à diversidade; a definição de parâmetros e diretrizes para a qualificação dos/das profissionais da educação (AFONSO; GONZALEZ, 2016, p. 719).

O Ministério da Educação (MEC) por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), define que as instituições de ensino devem incorporar em seus planos pedagógicos, os temas transversais na perspectiva de desenvolver uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental.

Neste contexto os temas transversais versam sobre assuntos relevantes que o governo, a sociedade e a família encontram dificuldade em abordar (DARIDO, 2017). E neste sentido, faz-se necessário a abordagem de temas relacionados a orientação sexual, diversidade sexual e de gênero no âmbito educacional por serem temas ainda considerados tabu.

E como nos orienta Saffiotti (1992), cada ser humano representa a história de suas relações sociais perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia. E ao passo em que a escola é constituída de diversidades, torna-se importante transformá-la em

um ambiente em que sejam respeitadas as diferenças, e que estas diferenças não se transformem em desigualdades.

Por entendemos que a escola é um espaço capaz de promover reflexões e transformadora da realidade social e, ainda, que jovens são capazes de estimular e promover mudanças importantes na sociedade, e buscando colaborar com o processo de transformação da escola em um lugar mais acolhedor, onde o respeito e a equidade prevalecem entre os atores, em todos os ambientes, procuramos desenvolver um produto educacional voltado para a promoção desta tão sonhada equidade.

Com base nesses preceitos o produto educacional produzido foi o Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual, que expressa o resultado de uma pesquisa participante desenvolvida com 56 (cinquenta e seis) estudantes, em período integral, de duas turmas de 3º ano, uma do curso técnico de informática e uma do curso técnico em agroecologia integrado ao ensino médio do IFRO, campus - Cacoal no ano de 2019.

E neste contexto o manual visa colaborar com a difusão de reflexões sobre a diversidade sexual e de gêneros, elucidando questões sobre identidades de gênero e as orientações de gêneros. Além disso, também tem por finalidade promover o melhor entendimento de termos relacionados a questões de gênero e, assim, contribuir para a diminuição de preconceitos e estigmas.

Este manual tem como público alvo especialmente as alunas, alunos, docentes e técnicos da EPT dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, podendo ser utilizado também pelas redes pública e privada do sistema educacional do Estado de Rondônia, da mesma forma que estará disponível para as demais escolas de ensino médio do país.

O manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual poderá servir como uma ferramenta educacional ao ser utilizado como fonte de pesquisa para tratar sobre o tema a que é relacionado.

Destarte, o conteúdo deste material é voltado a todo público com interesse em conhecer melhor as diversidades humanas com vista à construção de uma sociedade mais justa, tolerante, igualitária e que respeite às diversidades de gênero.

## **1.2. Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual**

Optamos pela construção do manual como produto educacional do Programa de mestrado, por temos a intenção de contribuir para que o tratamento oferecido, às pessoas que não se identificam ou não se enquadram no binarismo de gênero, seja o mais adequado

possível, sem que suscite preconceito ou discriminação.

Acreditamos que o respeito às diversidades (com destaque aqui para as diversidades sexuais e de gênero), é o caminho ideal para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual orienta a utilização de significações de termos de forma técnica para promover o tratamento correto especialmente de pessoas não binárias.

Ao longo de sua estrutura o manual apresenta definições de termos, conceitos e classificações relacionados à diversidade sexual e de gênero. Procuramos estruturá-lo utilizando palavras e denominações consideradas de simples entendimento. A sua estrutura foi idealizada para propiciar melhor compreensão e facilitação do seu uso.

Inicialmente o manual apresenta o tema diversidade sexual e de gênero através de uma reflexão com linguagem clara e objetiva. Em seguida expõe definições e diferenças da diversidade sexual e de gênero; sexo biológico e gênero.

Convida o leitor a entender um pouco mais sobre Diversidade Sexual e de Gênero e a partir desse convite apresenta quatro elementos que constituem a Sexualidade Humana. Sendo eles: Identidade de Gênero; Orientação Sexual; Sexo Biológico e Expressão de Gênero.

Na seção que trata da Identidade de Gênero é apresentada a classificação dos gêneros sexuais assim como as identidades de gênero. No contexto da orientação sexual é detalhadas orientações sexuais e também a denominação a quem se sente caracterizado por dada denominação. Em seguida é elucidado a definição de sexo biológico e expressão de gênero. E apresentamos a sigla LGBTQ+ contextualizando a sua utilização e objetivo.

A partir deste ponto trabalhamos com temas que consideramos importantes a serem trabalhados, no sentido de que buscamos transformar e elucidar os leitores sobre questões que as vezes passam despercebidas por serem repetidas em nosso cotidiano e recontadas e transmitidas pelas gerações.

Abordamos temas como estereótipos de gênero, arranjos de gênero, atribuições e diferenças marcantes entre os gêneros e dentro deste contexto inserimos a escola como um meio capaz de promover mudanças e transformações. Apontamos atitudes que devem ser esquecidas e outras que merecem nossa atenção. Assim também os adolescentes expressam através de desenhos e relatos o que compreendem sobre preconceito, sobre os homens, sobre as mulheres e sobre o respeito.

Ao fim está a mensagem final deixada pelas pesquisadoras, o glossário com definições de algumas palavras que são importantes conhecer, visto que não foram tratadas no corpo do manual, e as referências utilizadas de base para a realização do manual.

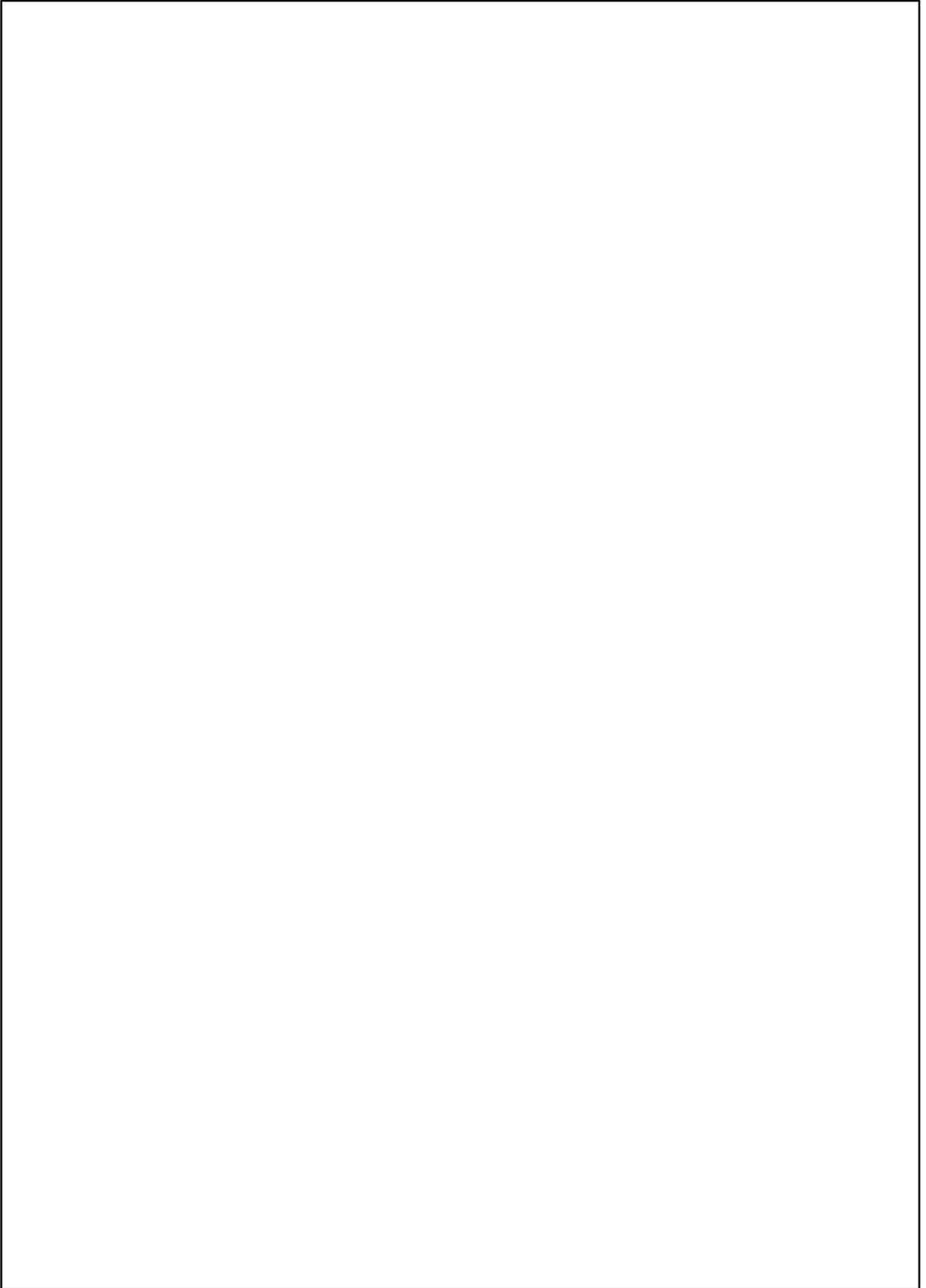
Portanto estruturamos o manual principalmente para que, através de um texto sistemático pudesse fornecer informações básicas sobre termos, conceitos e definições a serem utilizadas para tratar de forma mais humana, com respeito e empatia.

O Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual tem 51 páginas e atualmente está disponível para visualização e download no link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/583362>.



# MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Julia de Souza Lopes Basso  
Jania Maria de Paula (Orientadora)



JULIA DE SOUZA LOPES BASSO  
JANIA MARIA DE PAULA (ORIENTADORA)

# MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO

Reitor: Uberlando Tiburtino Leite

Pró-reitor de Ensino: Edslei Rodrigues de Almeida

Pró-reitora de Desenvolvimento Institucional: Maria Fabíola Moraes A. Santos

Pró-reitor de Pesquisa: Gilmar A. Lima Junior

Pró-reitora de Extensão: Maria Goreth A. Reis

Pró-reitora de Planejamento e Administração: Jéssica C. Pereira Santos

Diretor Geral do Campus Porto Velho Calama: Leonardo Pereira Leocádio

Chefe do Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do Campus Porto Velho Calama: Xênia de Castro Barbosa

Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT: Antônio dos Santos Junior

Revisão: Celielson de Aguiar Brito

Imagem de Capa: Letícia de Souza Basso

Projeto Gráfico: Augusto Rodrigues de Souza

B322m Basso, Julia de Souza Lopes  
Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual / Julia de Souza Lopes Basso. – Cacoal: IFRO, 2020.  
51 p.; Il.

Orientadora: Profª. Jania Maria de Paula

1. Adolescência. 2. Gênero. 3. Diversidade sexual. I. Paula, Jania Maria de (orienta.). II. Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológico – ProfEPT. III. Título.

CDU 305 (035)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Sheila da Cunha Alves CRB-11 1119, com os dados fornecidos pelo organizador



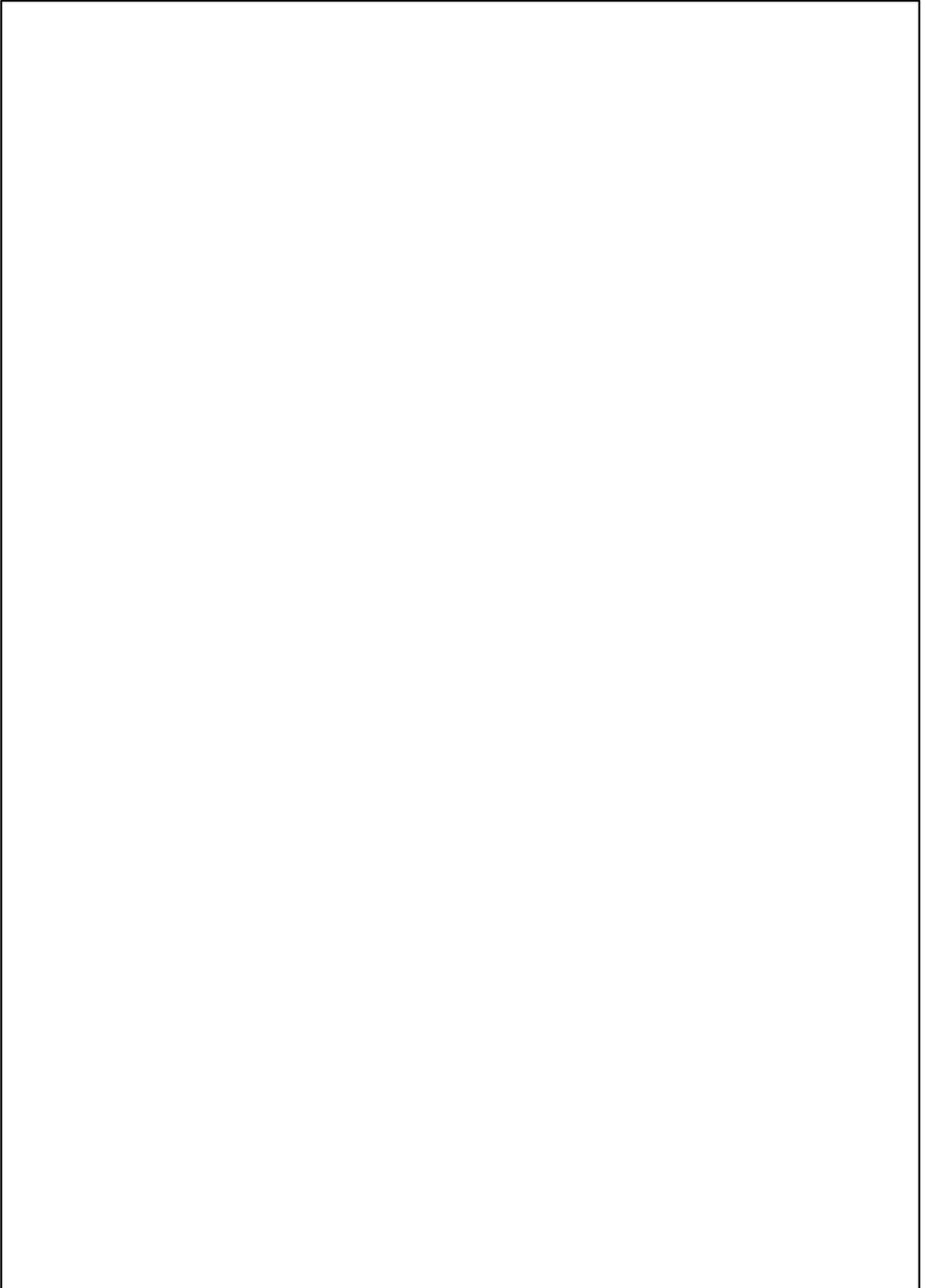
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.

*Educação não transforma o mundo.*

*Educação muda as pessoas.*

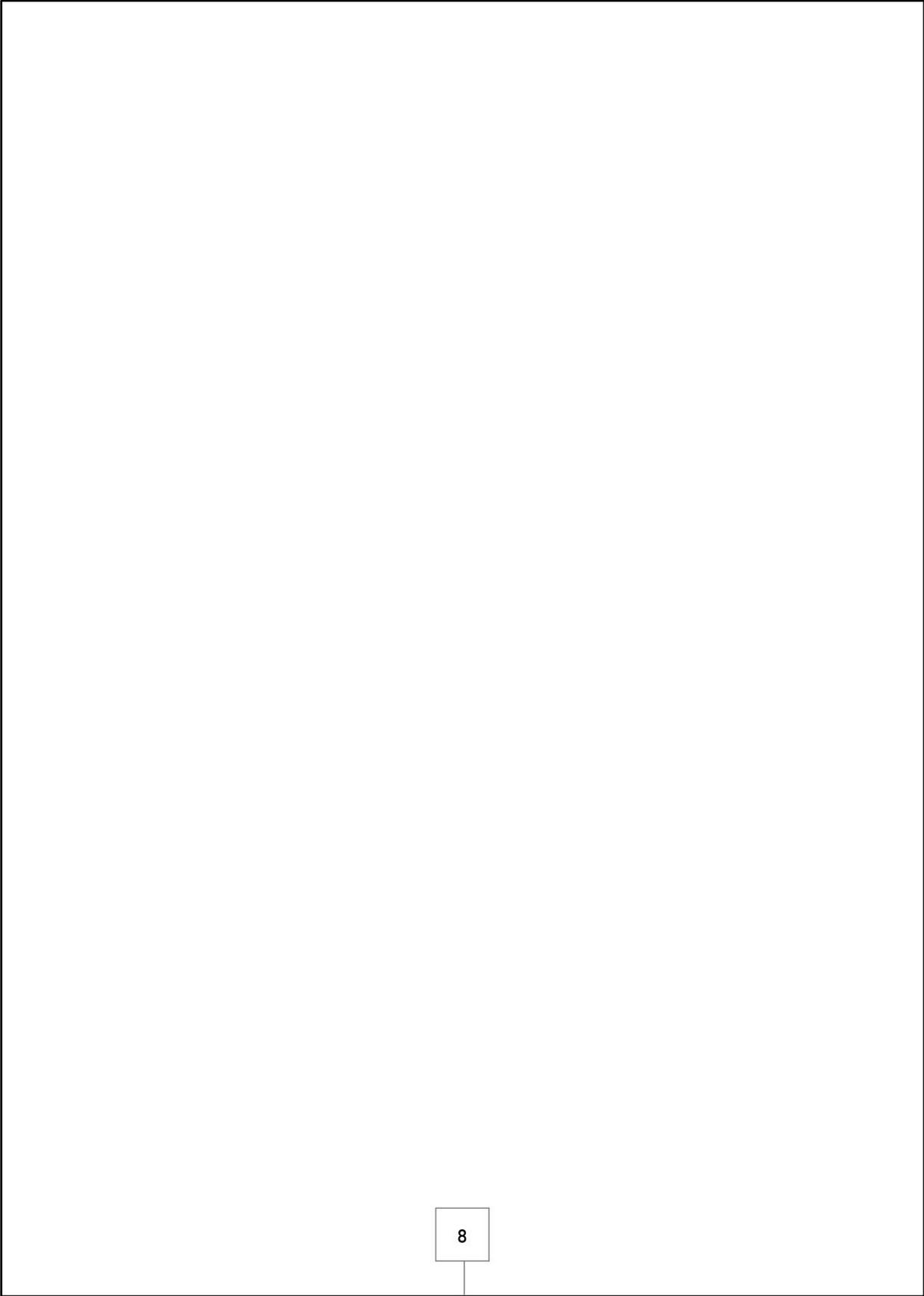
*Pessoas transformam o mundo.*

*(Paulo Freire)*



## Sumário

Apresentação.....	9
Vamos refletir sobre a Diversidade Sexual e de Gênero.....	10
Definições de Sexualidade e Gênero na Perspectiva da Diversidade Sexual .....	12
É importante saber a diferença entre Sexo Biológico e Gênero! .....	14
E o que é a Diversidade de Gênero?.....	15
Entendendo um pouco mais sobre Diversidade Sexual e de Gênero.....	17
Vamos entender os quatro elementos que constituem a Sexualidade Humana?.....	18
1 - IDENTIDADE DE GÊNERO .....	18
<b>CONHECENDO ALGUMAS IDENTIDADES DE GÊNERO .....</b>	<b>20</b>
2 - ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	24
Existem outros tipos de Orientação Sexual... Vamos entender?.....	26
3 - Sexo Biológico .....	28
4 - Expressão de Gênero .....	29
<b>A sigla LGBTQ+ .....</b>	<b>31</b>
O que são estereótipos de gênero? .....	32
A escola pode ajudar !!! .....	35
Algumas atitudes que devemos ABOLIR.....	37
O que precisamos COMPREENDER .....	38
<b>VIOLÊNCIA TRANS.....</b>	<b>41</b>
<b>SOBRE PRECONCEITO:.....</b>	<b>43</b>
<b>SOBRE O RESPEITO:.....</b>	<b>47</b>
Mensagem final.....	48
Glossário .....	49
REFERÊNCIAS.....	50



## Apresentação

Este manual visa colaborar com a difusão de reflexões sobre a diversidade sexual e de gêneros, elucidando questões sobre identidades de gênero e as orientações de gêneros. Além disso, também tem por finalidade promover o melhor entendimento de termos relacionados a questões de gênero e, assim, contribuir para a diminuição de preconceitos e estigmas.

O manual foi desenvolvido utilizando bases teórico-científicas, além de material produzido por estudantes dos cursos técnicos em Agroecologia e Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – *Campus* Cacoal. Expressa o resultado da pesquisa de campo **RELAÇÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO EDUCACIONAL**: o que dizem e sugerem estudantes acerca dos papéis de gênero, desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT, do IFRO – Campus Porto Velho Calama.

O conteúdo deste material é voltado ao público com interesse em conhecer melhor as questões que envolvem a promoção do respeito às diversidades de gênero. Por entendermos que a escola é um espaço capaz de promover reflexões e transformadora da realidade social e, ainda, que jovens são capazes de estimular e promover mudanças importantes na sociedade, recomendamos sua utilização em ambiente escolar, em especial, ao quadro de docentes, técnicos e discentes do ensino médio das redes pública e privada do sistema educacional do Estado de Rondônia.

Por fim, este manual está disponível para as demais escolas de ensino médio do país e para todas as pessoas que se interessam em conhecer melhor as diversidades humanas como com vista à construção de uma sociedade mais justa, tolerante e igualitária.

**Boa leitura!**

## Vamos refletir sobre a Diversidade Sexual e de Gênero...

Vivemos em um mundo em que a sociedade utiliza como base o entendimento construído sobre o que é ser homem ou ser mulher para atribuir funções e identidades diferentes às pessoas. O conjunto das características sociais e culturais ligadas às percepções de masculino e feminino definem o termo gênero. Dessa maneira, as pessoas do gênero feminino, foram durante muito tempo erroneamente, caracterizadas como um ser frágil enquanto as do gênero masculino um ser forte.

A maneira como as mulheres e os homens foram educados e socializados evidencia a origem de muitos comportamentos preconceituosos. É, por isso, que a inserção nos currículos escolares de temas como igualdade de gênero é fundamental para crianças e adolescentes, pois possibilita a construção de comportamentos e atitudes que expressem respeito ao outro.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Considerando a realidade brasileira como construção social dos gêneros masculino e feminino cristalizados historicamente pela sociedade patriarcal (OLIVEIRA, 2005), o que resulta infeliz e nitidamente nas desigualdades e preconceitos em relação ao gênero, fica evidente a necessidade de esclarecer e apresentar a definição de termos utilizados para tratamento. E, nesse cenário, a escola tem papel importante no enfrentamento desse tipo de problema social.

Uma vez que a educação não é neutra, ela transmite valores que servem para reforçar desigualdades e, também, desconstruir preconceitos.

Este manual foi construído para apresentar e esclarecer conceitos e definições de termos relacionados a Diversidade Sexual e de Gênero, a fim de que sejam utilizados para o tratamento de pessoas de todos os gêneros e diversidades sexuais, de modo a contribuir na desconstrução de padrões e estereótipos socialmente impostos ao masculino e ao feminino e, conseqüentemente, oferecer um tratamento mais igualitário e respeitoso àquelas pessoas que se encaixem nessa realidade.

Aqui, você encontrará definições de termos como identidade de gênero, expressão de gênero, preconceito, sexualidade, orientação sexual, dentre outros. De modo a contribuir para uma visão ampla sobre o tema. Esperamos que este material seja usado como um meio de conscientizar da importância de conhecer e compreender sobre gênero e diversidade sexual. E que possa, também, a partir dele, suscitar novos olhares quanto ao respeito ao outro, independentemente do sexo biológico, da identidade que assuma ou do papel social que exerça.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

## Definições de Sexualidade e Gênero na Perspectiva da Diversidade Sexual

Para entender a Diversidade Sexual e de Gênero, é importante saber as definições de sexualidade e gênero percebendo que sexualidade é bem mais do que sexo (no sentido de reprodução). Além disso, gênero faz referência à construção baseada nas expectativas que uma determinada sociedade tem sobre o ser homem e ser mulher.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (1975), a **Sexualidade** é parte integrante da personalidade de cada pessoa e refere-se às construções culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. A vivência da sexualidade é própria do ser humano e está relacionada com a busca do prazer físico e emocional. Nesse sentido, entende-se que a sexualidade constitui uma dimensão da liberdade humana (OMS, 1975).



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Portanto, a Sexualidade é qualquer manifestação de afeto e prazer. É carregada de valores morais, determinados e determinantes do comportamento, usos e costumes sociais (BRASIL, 2018). Nesse contexto, a vivência da sexualidade não se limita à relação sexual, pois envolve sentimentos e motiva o contato físico e afetivo, podendo ou não haver reprodução. Já **Gênero** se refere à construção de comportamentos, expectativas e atitudes baseadas nas expectativas que uma determinada sociedade tem sobre o ser homem e ser mulher (SÃO PAULO, 2014).

O termo Gênero foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social e corresponde ao modo como a pessoa se identifica. Por exemplo, uma pessoa pode nascer com o sexo biológico feminino e se identificar com características do gênero masculino (BRASIL, 2009).

Dessa forma, pode-se afirmar que homens e mulheres são produtos da realidade social, ou seja, formado pelas atitudes, comportamentos e expectativas que a sociedade associa ao que é ser homem ou ser mulher e não somente decorrência da anatomia de seus corpos (SÃO PAULO, 2014). Ou seja, a sociedade “constrói” diferentes formas de ser homem e de ser mulher.

Nesse sentido, é importante compreender estas definições para entender que a sexualidade humana e o gênero vão muito além dos fatores físicos e biológicos, de concepções, valores e normas sociais predeterminadas histórica, cultural e socialmente do que é certo ou errado, digno ou indigno, apropriado ou impróprio.



*A sociedade “constrói”  
diferentes formas de ser  
homem e de ser mulher*

## É importante saber a diferença entre Sexo Biológico e Gênero!

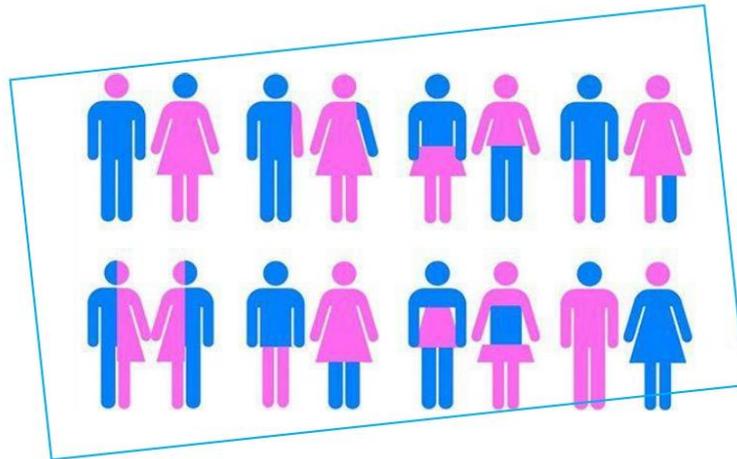
O **gênero** é uma construção histórica, cultural e política das diversas possibilidades de ser feminino(a) e/ou masculino(a). Portanto, o gênero não é algo que está atribuído, mas é construído social e culturalmente e submerge num conjunto de processos que vão distinguindo os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino (GOELLNER, 2010). Sendo, portanto, diferente de sexo – termo usado para identificar as características corporais que diferenciam os homens das mulheres.

Gênero não é  
sinônimo de  
sexo!

Diferente de gênero, o **sexo** é uma condição biológica natural, diz respeito às características biológicas que a pessoa tem ao nascer. A pessoa pode nascer macho, fêmea ou intersexual (BRASIL, 2009).

Sexo é biológico, gênero é social.

## E o que é a Diversidade de Gênero?



Fonte: Captura da internet. Disponível em: <https://www.wattpad.com/795378186-gender-sexuality-and-romantic-spec-with-elliott-non>

A **diversidade de gênero** é o entendimento de que não existem apenas dois gêneros (masculino e feminino), mas uma diversidade de gêneros.

*Imagine como seríamos mais felizes, e quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.*

*Chimamanda Ngozie Adichie*

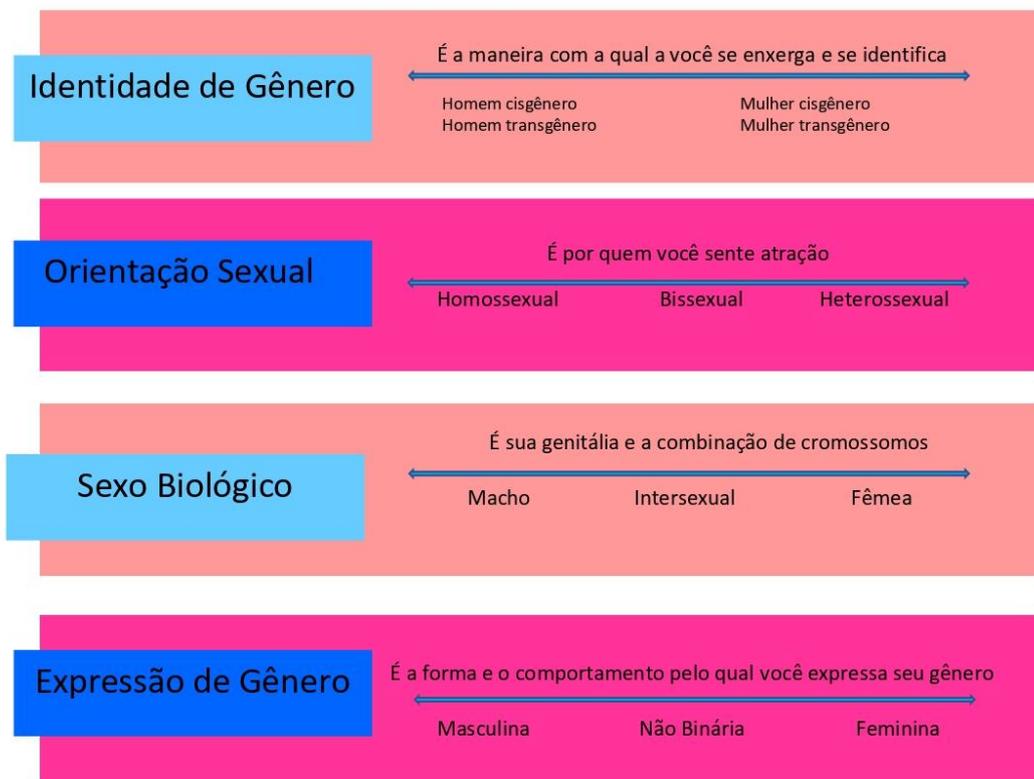


A pessoa não nasce  
homem ou mulher, mas se  
torna homem ou mulher,  
por meio de uma  
construção sociocultural  
Simone de Beauvoir  
(1908-1986)



## Entendendo um pouco mais sobre Diversidade Sexual e de Gênero

A sexualidade humana é formada por uma múltipla combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, e é basicamente composta por três elementos: sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero. A ilustração a seguir mostra essas relações acrescida de mais um fator, a expressão de gênero:



Fonte: Organizado pela autora com base em Bahia (2018).

# Vamos entender os quatro elementos que constituem a Sexualidade Humana?

## 1 – IDENTIDADE DE GÊNERO

A identidade de gênero se refere à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa. Trata-se, também, da percepção que uma pessoa tem sobre seu gênero, que pode corresponder ao sexo biológico (cisgênero) ou não corresponder ao sexo biológico (transgênero) (BRASIL, 2009). Se relaciona, ainda, com a forma como a pessoa se reconhece dentro dos padrões de gênero: feminino e masculino. Esses valores são estabelecidos socialmente e variam de cultura para cultura (BRASIL, 2018).



*A identidade de gênero não determina a orientação sexual de alguém, pois não está necessariamente visível para as demais pessoas.*

## CLASSIFICAÇÃO DE GÊNEROS SEXUAIS

Os gêneros sexuais podem ser classificados em:

### GÊNERO BINÁRIO

É a forma mais comum de se determinar o gênero. É exclusivamente homem ou exclusivamente mulher, é uma segmentação binária, geralmente oposta e distinta. (MATTOS, 2019).

### GÊNERO NÃO BINÁRIO

É quando uma pessoa não se identifica nem com o gênero feminino, nem com o masculino. Podendo se identificar com algo entre esses dois gêneros ou algo totalmente diferente de ambos (MATTOS, 2019).

Jesus (2012) ressalta que em termos de gênero, todos os seres humanos podem se enquadrar, mesmo com todas as limitações comuns a qualquer classificação, como **transgênero** ou **“cisgênero”**.

### CISGÊNERO

Este é um termo guarda-chuva utilizado para descrever pessoas cuja identidade de gênero é compatível com a identidade associada ao seu sexo biológico e/ou designação social (BRASIL, 2018). Por exemplo, nasceu com um pênis, foi designado como homem e se reconhece como homem; nasceu com vagina foi designada como mulher, e se reconhece como mulher. Assim existe uma concordância entre a identidade de gênero, o sexo biológico e o seu comportamento ou papel **considerado socialmente aceito** para esse sexo.

### TRANSGÊNERO

Este é um termo guarda-chuva utilizado para descrever pessoas que transitam entre os gêneros, ou seja, que se identifica com um gênero diferente daquele que corresponde ao seu sexo atribuído no momento do nascimento (BRASIL, 2018), e se comportam, ou têm

papel social, diverso do convencional para seu gênero de nascimento (JESUS, 2012). É um conceito que engloba travestis, transexuais, dentre tantas outras pessoas.

*Todas as pessoas têm identidade de gênero, pois trata-se da forma que elas se veem e querem ser vistas, reconhecidas e respeitadas, como homens ou como mulheres.*

## CONHECENDO ALGUMAS IDENTIDADES DE GÊNERO

### TRANSEXUAL

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico (BRASIL, 2018). Algumas mulheres e homens transexuais podem apresentar a necessidade de realizar modificações corporais (processo transexualizador), por meio de terapias hormonais e/ou intervenções cirúrgicas, com a finalidade adequar seu corpo (inclusive genitais – cirurgia de redesignação sexual) à sua identidade de gênero.

### SE LIGA

Não são todas as pessoas transexuais que manifestam a necessidade de realizar a cirurgia de redesignação de sexo.

O que determina se uma pessoa é trans é o fato dela possuir identidade de gênero incompatível com o seu sexo biológico (BRASIL, 2018). São usadas as expressões homens trans e mulher trans.

#### **Homem trans**

Pessoa que nasceu com sexo biológico feminino, mas possui uma identidade de gênero masculina e se reconhece como homem (BRASIL, 2018)

#### **Mulher trans**

Pessoa que nasceu com sexo biológico masculino, mas possui uma identidade de gênero feminina e se reconhece como mulher (BRASIL, 2018).



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

### **IMPORTANTE SABER**

A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho (JESUS, 2012)

## TRAVESTI

Pessoa que nasce com sexo masculino e tem identidade de gênero feminina, assumindo papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade. Apresenta uma identidade de gênero que foge ao padrão de homem e mulher – a travesti não se considera nem homem e nem mulher. Muitas travestis modificam seus corpos por meio de terapias hormonais, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, mas, em geral, não desejam realizar a cirurgia de redesignação sexual (BRASIL, 2018).



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

A forma de tratamento com travestis é sempre no feminino:  
a travesti.

## AGÊNERO

Pessoa que não se identifica com nenhum gênero. A pessoa se considera "sem gênero" (BRASIL, 2018).

## NEUTROIS

Pessoas que não se identificam como um gênero. É diferente de não ter gênero (agênero). Pessoas neutrois se consideram simplesmente um indivíduo, independentemente de que sexo ou gênero foram atribuídos no nascimento (THARP, 2014).

## INTERGÊNEROS

Pessoas de gênero incompreensível, que contraria e desvia das normas de sexo, gênero e sexualidade compreendidas culturalmente pelas quais as pessoas são definidas. Pessoas que não se identificam nem como homens nem como mulheres (BUTLHER, 2010).

### **BIGÊNEROS**

Pessoas que se identificam com ambos os gêneros, sem que haja, entretanto, uma mescla bem delimitada entre os dois. Ou seja, qualquer combinação de gêneros é possível, não apenas a combinação feminina com masculino (REIS & PINHO, 2016).

### **PANGÊNERO**

Pessoa que se identifica com vários gêneros ou todos os gêneros (REIS & PINHO, 2016).

### **ANDRÓGINOS (QUEER)**

Pessoas que se identificam tanto com a masculinidade quanto com a feminilidade (mistura de gêneros), mas nunca se identifica definitivamente como um “homem” ou uma “mulher”. Olhando apenas a sua aparência física, é difícil definir seu gênero (BRASIL, 2018).

### **DEMIGÊNERO**

Pessoa que se identifica parcialmente com o gênero feminino ou com gênero masculino (REIS & PINHO, 2016).

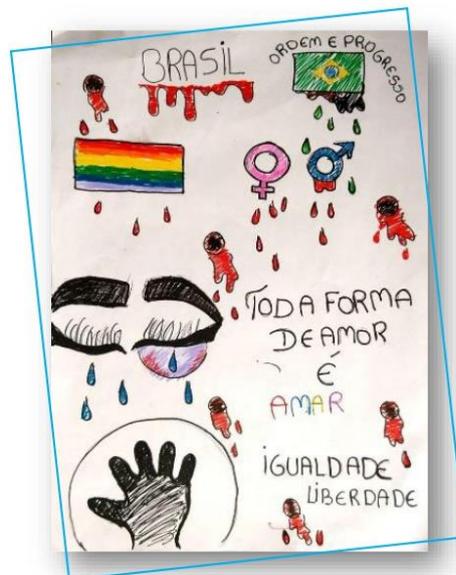
### **GÊNERO FLUIDO**

Pessoa que se identifica tanto com o sexo masculino ou feminino em momentos diversos da sua vida. Sente-se homem em determinados dias e mulher em outros, flutua pelas identidades de gênero (MATTOS, 2019).

## 2 – ORIENTAÇÃO SEXUAL

Rios e Piovesan (2001) entendem que existe, entre os antropólogos, um consenso de que a orientação sexual se refere a uma conduta ou atração emocional, afetiva ou sexual do indivíduo. Essa conduta ou atração pode ser dirigida a alguém do mesmo sexo; de sexo oposto, ou pelos dois sexos.

A orientação sexual pode ser dividida em quatro grupos principais: Heterossexual, Homossexual, Bissexual e Assexual.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

A **heterossexualidade** é a orientação sexual caracterizada pela atração afetiva, sexual ou emocional entre pessoas de sexos opostos (BRASIL, 2009).

- **Heterossexual** é a pessoa que se sente atraída amorosa, física ou afetivamente por pessoas do sexo/gênero oposto. (BRASIL, 2009).

A **homossexualidade** é a orientação sexual caracterizada pela atração emocional, sexual ou afetiva entre indivíduos do mesmo sexo (BRASIL, 2009).

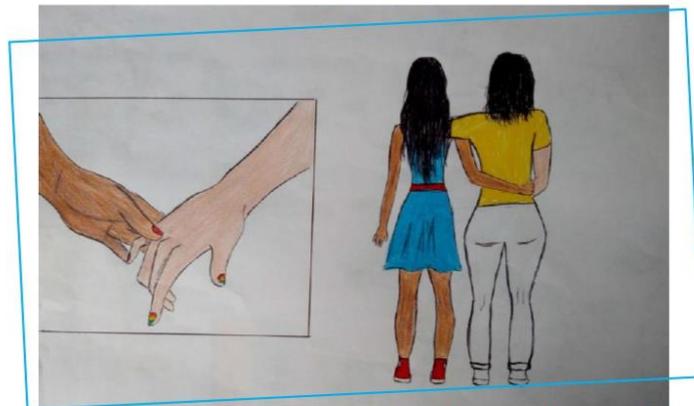
- **Homossexual** é a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero. O termo homossexual pode se referir a homossexuais femininas – lésbicas, ou homossexuais masculinos – *gays* (BRASIL, 2009).

Homossexualismo ☹️

Homossexualidade 😊

Fica a dica: Não se utiliza o termo “homossexualismo”, pois o sufixo “ismo” denota doença e anormalidade. Utiliza-se o termo homossexualidade, que se refere ao modo de ser e sentir indivíduo.

- **Gay** é a pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays (BRASIL, 2009).
- **Lésbica** é a mulher que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans). Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas (BRASIL, 2009).



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A **bissexualidade** é a orientação sexual caracterizada pela atração sexual, afetiva ou sentimental entre pessoas tanto do mesmo sexo como do sexo oposto (BRASIL, 2009).

- **Bissexual** é a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. O termo “bi” é utilizado para se referir a pessoas bissexuais (BRASIL, 2009).

Já a **assexualidade** é a falta de orientação e desejo sexual. As pessoas assexuais não sentem atração física ou sexual para com nenhuma pessoa e **não sentem desejo pelo prazer sexual**, pelo que não se identificam com nenhuma orientação sexual definida. Não é habitual que se apaixonem ou tenham um namorado/a. Tendem a criar um laço afetivo com alguém ainda que não implique que tenham uma relação sexual (BRASIL, 2009).

- **Assexual** é a pessoa que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual. Pessoas cisgêneros e trans binários também podem ser assexuais (BRASIL, 2009).

## Existem outros tipos de Orientação Sexual... Vamos entender?

A **panssexualidade** é uma orientação sexual caracterizada pela **atração sexual ou romântica por pessoas independentemente do sexo ou do gênero destas**. Podem sentir-se atraídos por homens, mulheres ou também por pessoas que não se sentem identificadas com o seu gênero, incluindo interssexuais, transsexuais e intergêneros (BRASIL, 2018).

- **Panssexual** é a pessoa que sente atração sexual por todos os gêneros e sexos. É mais que um bissexual, pois muitos não se consideram no binário homem/mulher (BRASIL, 2018).

A **polissexualidade** é uma orientação sexual que se caracteriza em sentir atração por vários gêneros, mas não todos. Se difere assim da panssexualidade (SANTOS *et al*, 2018).

- **Polissexual** é a pessoa que sente atração por muitos gêneros, mas não todos. É diferente do bissexual que sente atração por homens e mulheres e do pansexual que sente atração por todos os gêneros e sexos (SANTOS *et al*, 2018).

A **Androssexualidade** é a orientação sexual caracterizada pela atração sexual pela masculinidade. O sufixo "andro" vem do grego "andras" e significa homem. Esse termo foi criado como uma forma de substituir os termos homossexual e heterossexual, pois em ambos se expressa o gênero da pessoa que se identifica dessa forma, excluindo a possibilidade de ser uma pessoa não-binária (MARANHÃO, 2014).

- **Androssexual** é a pessoa que sente atração sexual por pessoas masculinas, e isso inclui mulheres héteros e homens gays (MARANHÃO, 2014).

Já a **Ginessexualidade** é a orientação sexual caracterizada pela atração sexual pela feminilidade. Esse termo é uma alternativa usada por algumas pessoas não-binárias como uma forma de substituir os termos homossexual e heterossexual, pois em ambos se expressa o gênero da pessoa que se identifica (MARANHÃO, 2014).

- **Ginecossexual** é a pessoa que sente atração sexual por pessoas femininas, e isso inclui homens héteros e lésbicas. Essa denominação foi criada pensando na relação entre pessoa não-binária e pessoa binária (mulher cis ou trans\* e homem cis ou trans\*) (MARANHÃO, 2014).

Por outro lado, **Demissexualidade** é um termo utilizado para descrever uma forma de relacionamento diferente. Sendo que nele a atração sexual só aparece depois de estabelecido um vínculo psicológico, intelectual ou emocional. Ou seja, a pessoa não sente atração por uma pessoa apenas porque ela é bonita. É preciso conhecer o outro (HERGESEL, 2018).

- **Demissexual** é a pessoa que somente consegue atrair-se sexualmente por alguém após ter uma conexão emocional estabelecida. Inicialmente, aparenta não sentir atração por ninguém. Mas, quando estabelecida, a conexão independe do gênero (HERGESEL, 2018).

*Opção Sexual* 😞

*Orientação Sexual* 😊

FICA A DICA: Não se utiliza a expressão “opção sexual” por não se tratar de uma “escolha”. Ninguém opta por ser gay, lésbica ou bissexual, por isso o termo correto é “orientação sexual”.

### 3 – Sexo Biológico

Conjunto de informações dos cromossomos, órgãos genitais, composição hormonal, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que infere que a pessoa pode nascer macho, fêmea ou intersexual.

Há também pessoas que nascem com uma combinação diferente dos fatores mencionados anteriormente e que podem apresentar características de ambos os sexos, o que dificultam a identificação do indivíduo como totalmente feminino ou masculino, essas pessoas são chamadas de Intersexos (BRASIL, 2009).

*Hermafrodita* 😞

*Intersexual* 😊

FICA A DICA: Não se utiliza o termo “hermafrodita” pois, o mesmo designa uma anomalia biológica além de ser depreciativo. Utiliza-se o termo Intersexual que se refere a uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino.

Não há gênero no sexo biológico em si. O que existe é uma expectativa social de gênero em relação ao corpo/genital.

### Biologicamente Falando...

Sexo biológico é o que existe objetivamente: órgãos, hormônios e cromossomos



Feminino

Vagina, ovários,  
cromossomos XX



Masculino

Pênis, testículos,  
cromossomos XY



Combinação dos dois

## 4 – Expressão de Gênero

É como a pessoa se mostra publicamente por meio de suas roupas, do corte de cabelo, das características corporais, dos comportamentos e da forma como interage com as demais pessoas. Quanto à aparência, é possível ter uma aparência feminina, masculina ou andrógina.

A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico. Portanto, podemos encontrar:

- **Crossdresser:** Este termo se refere tipicamente a homens heterossexuais que gostam de usar ocasionalmente roupas, maquiagens e acessórios culturalmente associado às mulheres. Geralmente, fazem uso em ocasiões específicas – não é realizada para fins artísticos (BRASIL, 2018).
- **Drag queen:** Homem que se veste com roupas femininas de maneira caricata e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos (ABGLT, 2010).
- **Drag king:** São mulheres que se vestem de maneira estereotipada como homem para o exercício da profissão, com o intuito de realizar performances artísticas Expressão de gênero artística e temporária (ABGLT, 2010).

- **Transformista:** Indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas (ABGLT, 2010).



Drag Queen- Fonte: Pesquisa de Campo

### Vamos entender um pouco mais...

**Homoafetivo** – é um adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Não é usado para descrever pessoas, mas sim as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero (ABGLT, 2010).

**Aliada(o)** – são pessoas que, independente da orientação sexual ou identidade de gênero, tomam ação para promover os direitos e a inclusão LGBTI+. Elas são conhecidas como Simpatizantes (BRASIL, 2018).

## A sigla LGBTQ+

A sigla LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Atualmente, existem muitas siglas que representam a comunidade de pessoas com orientação sexual e identidade de gênero que divergem da heterossexual/cisgênero e apresentam o objetivo de unir as pessoas que fazem parte da comunidade para que se sintam reconhecidas e representadas (JESUS, 2012). E elas são alteradas quando há o reconhecimento de novas orientações sexuais ou expressões de gênero e cada vez mais letras têm sido agregadas à sigla.

Foram inseridas na sigla a letra Q e o + com o objetivo de englobar também outras identidades de gênero, e a sigla LGBTQ+ se tornou a mais conhecida para designar a comunidade. A sigla LGBTQ+ tem como principal objetivo promover a diversidade cultural com base nas questões de identidade sexual e gênero. Atualmente, é utilizada para se referir a qualquer pessoa que não se enquadra no padrão heterossexual ou cisgênero (JESUS, 2012).



L	Lésbicas
G	Gay
B	Bissexual
T	Transgênero
T	Transexual
Q	Queer
Q	Questionado
I	Intersexo
A	Assexual
A	Agênero
P	Pansexual
P	Polissexual

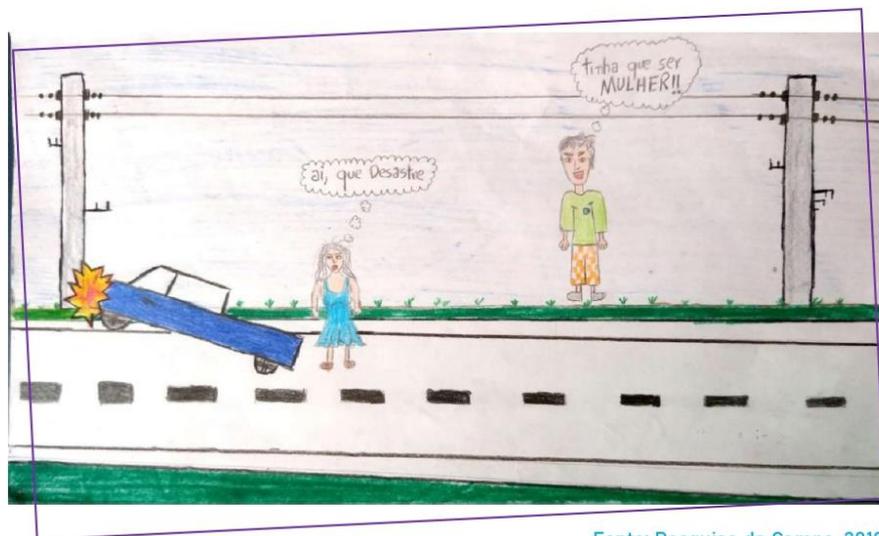
O + representa outras identidades de gênero e orientações sexuais que não heterossexual.

## O que são estereótipos de gênero?

O estereótipo é uma imagem fixa e preconcebida, na maioria das vezes negativa, acerca de características de alguém ou de um grupo, reduzindo-os a essa característica, generalizando-os e impondo-os lugar inferior na sociedade. É o fundamento das crenças e dos preconceitos (BRASIL, 2009).

Geralmente cria uma primeira impressão do outro e desta forma restringe a interação social (GOFFMAN, 1980). São uma espécie de rótulo atribuído a um indivíduo pertencente à determinada coletividade estigmatizada a partir do pré-julgamento sobre suas características, em detrimento de suas verdadeiras qualidades individuais. São expressados através de piada, ironia, humilhação e insultos.

Os estereótipos funcionam também como modelos que pressupõem e impõem padrões sociais esperados para um indivíduo vinculado à determinada coletividade.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

## COISA DE MENINA x COISA DE MENINO

Antes de qualquer coisa vamos lembrar o que é gênero...

Trata-se de um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino (LINS, *et al* 2016).



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Desta forma, são colocados na sociedade **os arranjos de gênero**, que – na prática – exercem uma força sobre toda a vida cotidiana, criando expectativas a respeito de como as meninas e os meninos devem agir, se comportar, do que pensar, do que deve usar e do que gostar (LINS, *et al*, 2016).

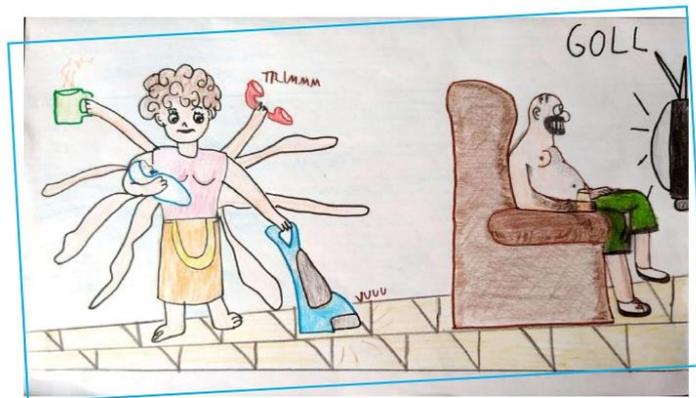


Fonte: pesquisa de campo, 2019.

## PARA REFLETIR...

Por qual motivo surgem questões como estas em nosso dia a dia???

- As meninas usam rosa e os meninos usam azul?
- As meninas ganham bonecas e brinquedos domésticos e os meninos ganham carrinhos e bolas?
- As mulheres ocupam empregos menos relevante?
- Os homens tomam as decisões mais importantes da família?
- As mulheres se ocupam de atividades domésticas mais que os homens?



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

*As atribuições às meninas e aos meninos são consequência de papéis estereotipados de gênero.*

As diferenças percebidas entre o corpo feminino e o masculino foram transformadas em desigualdades através de um processo histórico e cultural, cujo resultado foi a naturalização de vários estereótipos de feminilidade e masculinidade (LINS, *et al* 2016).



## A escola pode ajudar !!!

A escola é um espaço que abriga estudantes das mais diversas classes sociais, etnias e identidades – que podem ser culturais, de gêneros e de orientação sexual. A maioria deles passa muitas horas do dia no ambiente escolar e, assim, todo o corpo técnico/docente da escola os acompanham durante muitos anos de sua vida.

Nessa perspectiva, é importante que a escola seja um ambiente acolhedor e que também contribua, por exemplo, apresentando, discutindo e tematizando questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, problematizando preconceitos e estereótipos de gênero. Enfim, transformando-se em um importante ator na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero (MEC/UNESCO, 2009).

Dentro desse contexto, é nítida a importância da escola na contribuição social para a desconstrução de estigmas, estereótipos e preconceitos relacionados às diversidades sexual e de gênero, para que não sejam reproduzidos e perpetuados na sociedade. Revela-se, ainda, essencial também na quebra de tabu e construção de igualdades e respeito à diversidade.

Portanto, a escola contribui para a construção de uma sociedade democrática, da qual todas as pessoas podem fazer parte, sem ameaças e com mesma dignidade, uma sociedade comprometida com a igualdade e com o respeito.



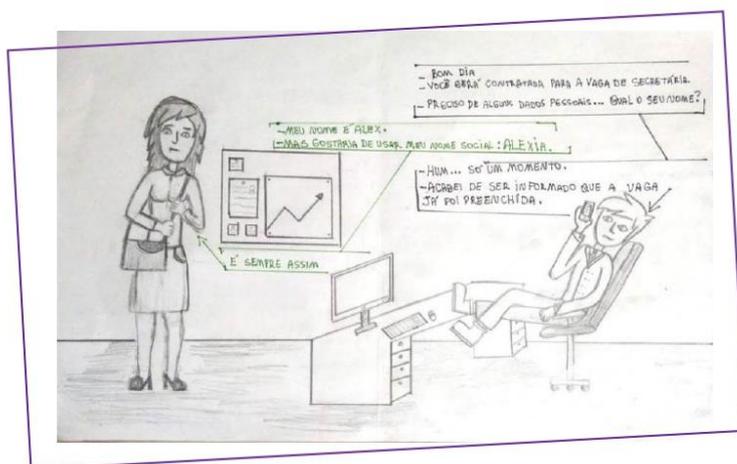
Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

# A note

## Algumas atitudes que devemos ABOLIR...

### DISCRIMINAÇÃO

A discriminação é um comportamento de raiz preconceituosa com algo ou alguém (JESUS, 2012). Designa as distinções feitas na vida social em detrimento de certos grupos, que são julgadas inaceitáveis pela maioria, porque violam as normas sociais ou princípios determinados pela sociedade.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

### PRECONCEITO

Preconceito é uma ideia ou atitude preconcebida em relação a algo ou alguém, com base em estereótipos, podendo ou não se manifestar na forma de discriminação (JESUS, 2012).



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

## A note

### O que precisamos COMPREENDER ...

#### Igualdade de gênero

A igualdade de gênero considera que todo indivíduo é igual e todos devem estar sob as mesmas condições (MATTOS, 2019).



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

## Equidade de gênero

A equidade entende que os indivíduos são diferentes entre si e, assim, possuem necessidades diferentes (MATTOS, 2019).



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

## Desigualdade de Gênero

São as relações de poder, privilégio ou hierarquias sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres, ou entre masculinidades e feminilidades (LINS *et al*, 2016).

Abaixo seguem alguns exemplos de frases que denotam desigualdade de gênero e que ouvimos com certa frequência:

*"Ele corre como uma menina."*

*"Ela joga bola como um menino."*

*"Ele dança rebolando como um gay".*

*"Ela é tão bonita para ser lésbica, que desperdício".*

Encontra-se também a desigualdade de gênero interligada a desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências.



Menino X Menina  
Diferentes, não desiguais

## VIOLÊNCIA TRANS

No Brasil, travestis e transexuais são os principais alvos de preconceitos e discriminações entre a população LGBT, devido ao “estranhamento”, que ocorre pelo fato de não seguirem a norma imposta pelos padrões heteronormativos, em que homem é homem e mulher é mulher.

### Homofobia

É um termo utilizado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual (BRASIL, 2009).

### Crime de ódio

É qualquer crime cometido contra uma pessoa ou contra propriedade motivado por hostilidade ou preconceito com base em deficiência, raça, religião, identidade de gênero ou orientação sexual (BRASIL, 2009). No caso de transgêneros, esse estranhamento, na maioria dos casos, é manifestado com o assassinato dessa população.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

O quadro abaixo mostra os dados da violência contra pessoas trans no Brasil em 2019 e nos primeiros 4 meses de 2020:

### Violência Trans...

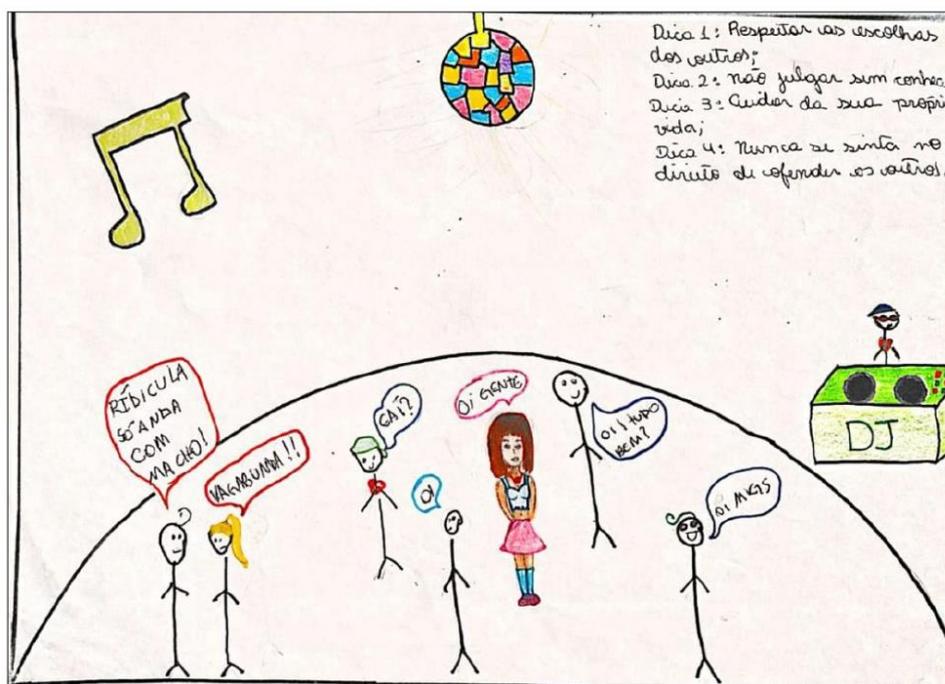
No Brasil, em 2019, ocorreram 124 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 121 Travestis e Mulheres Transexuais e 3 Homens Trans. Destes casos, apenas 11 casos tiveram os suspeitos identificados, o que representa 8% dos dados, apenas 7% foram presos.

Somente nos quatro primeiros meses de 2020, foram 64 vidas Trans vitimadas por violência.

Fonte: Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. ANTRA/IBTE, 2020

## O que os adolescentes dizem e pensam...

### SOBRE PRECONCEITO:

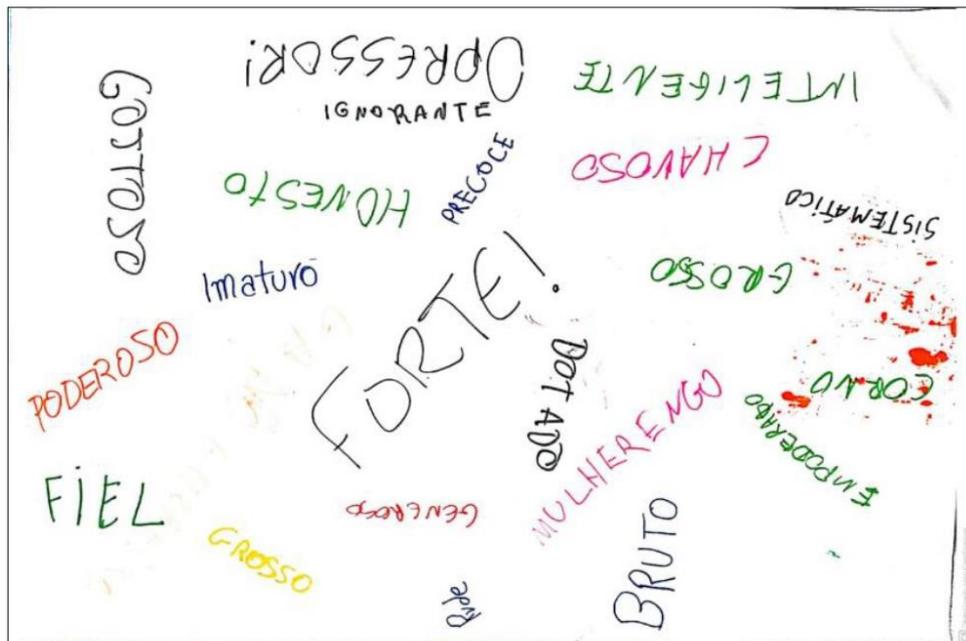


Na minha opinião ainda existe um claro preconceito em relação ao gênero dentro do esporte, pois na visão das pessoas o gênero feminino as mulheres faziam apenas para exercer atividades domésticas e tem o pensamento também que o sexo feminino é mais frágil e possui menos habilidades.

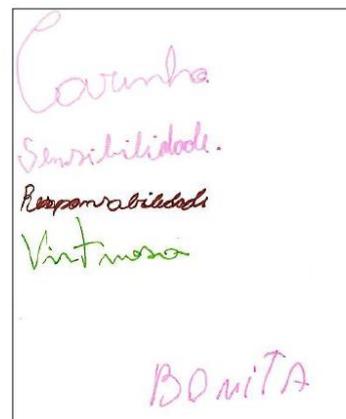
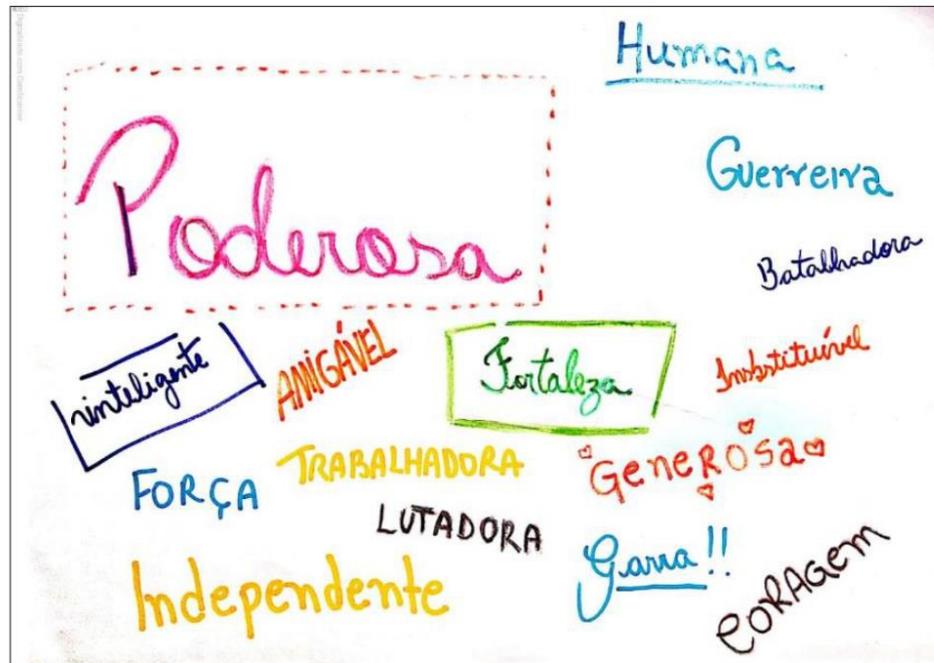
O preconceito, seja ele de qualquer forma, é ruim tanto para quem faz quanto para quem recebe. Este tipo de ação acaba distorcendo as pessoas umas das outras, é um ato maldoso que está presente em qualquer ambiente e qualquer pessoa pode sofrer isso. O preconceito pode acabar eliminando comportamentos e desejos psicológicos nas pessoas, que mudam drasticamente e trazem consequências ruins para a mesma.

**SOBRE OS HOMENS:**





## SOBRE AS MULHERES:



## SOBRE O RESPEITO:



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

## Mensagem final

O respeito é o ator principal da obra chamada vida. A vida pressupõe a liberdade. Liberdade de exercer com dignidade nosso lugar na sociedade e para ser feliz...

A felicidade pode estar em termos nossa identidade respeitada, seja ela de gênero, de classe ou étnica. Afinal, antes de cada um de nós termos uma identidade marcada, somos todos humanos... habitantes do Planeta Terra.

Cada um de nós compõe uma peça na formação da Humanidade, somos todos parte de uma gigante engrenagem e para que funcione harmoniosamente, é preciso que todas as suas peças esteja cada uma cumprindo o seu papel. Por isso, é tão importante o respeito a todos e a todas, a fim de exterminarmos os (pré)conceitos, as discriminações de todas as formas.

Precisamos de um mundo mais humano, mais justo e muito mais solidário. Precisamos nos permitir a desconstrução de nossos preceitos, quebrar tabus que nos levam a viver num mundo de separações e distinções... enfim, precisamos nos reconstruir.

As diferenças entre as pessoas existem, mas não devem ser transformadas em desigualdades. O ato de respeitar deve fluir naturalmente e se tornar parte de nosso cotidiano.

Esperamos que este pequeno manual possa ser uma singela contribuição humanizadora para a (re)construção de nossa cidadania rumo a uma sociedade com mais respeito e mais empatia pelos(as) outros(as).

## Glossário

**Alteridade (ou “outridade”):** é a concepção de que todos os indivíduos interagem e criam relações de interdependência com outros indivíduos.

**Assimetrias de gênero:** desigualdades de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres – gerando uma hierarquia de gênero.

**Bullying:** desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; quando relacionado ao problema da violência escolar, o termo conceitua os comportamentos agressivos antissociais.

**Corpo:** conceito que incorpora, além das potencialidades biológicas, todas as dimensões psicológicas, sociais e culturais do aprendiz - através das quais as pessoas desenvolvem a percepção da própria vivência.

**Estigma:** marca, rótulo atribuídos a pessoas e grupos, seja por pertencerem a determinada classe social, por sua identidade de gênero, por sua cor/raça/etnia. Os estigmas decorrem de preconceitos e, ao mesmo tempo, os alimentam – cristalizando pensamentos e expectativas com relação a indivíduos e grupos.

**Movimento Feminista:** movimento social e político de defesa de direitos iguais para mulheres e homens, tanto no âmbito da legislação, quanto no plano da formulação de políticas públicas que ofereçam serviços e programas sociais de apoio a mulheres.

**Organismo:** infraestrutura biológica que dá sustento às capacidades materiais da vida.

**Readequação de sexo e gênero:** conjunto de estratégias auxiliares para transexuais que pretendem realizar modificações corporais relacionadas ao sexo.

**Sair do armário:** expressão usada para descrever o fato de um indivíduo publicizar ou não sua orientação sexual homossexual.

**Tema transversal:** modo de organização do trabalho didático no qual determinadas questões são incorporadas às áreas convencionais do ensino de modo a estarem presentes em todas elas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos pela Ministério da Educação, destacam os temas relativos à Ética, à Pluralidade Cultural, ao Meio Ambiente, à Saúde, ao Trabalho e ao Consumo, e à Orientação Sexual.

## REFERÊNCIAS

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: ABGLT, 2010.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado. **Entendo a diversidade sexual**. Defensoria Pública do Estado da Bahia. 1ª. ed. Salvador: ESDEP, 2018. Disponível em: [https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha\\_diversidade-sexual.pdf](https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf). Acesso em: 30/08/2020.

BRASIL. **Decreto** nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm). Acesso em: 30/08/2020.

\_\_\_\_\_. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009. Disponível em: [http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf). Acesso em: 30/08/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério dos Direitos Humanos. **Manual orientador sobre diversidade**. MDH, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2018/dezembro/ministerio-lanca-manual-orientador-de-diversidade/ManualLGBTDIGITAL.pdf/view>. Acesso em: 20/08/2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Cinthya Giselle Coutinho Oliveira dos *et al.* **Da invisibilidade ao reconhecimento: experiência de roda de conversa e validação da bissexualidade em São Paulo**. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016528/bis-v19n2-diversidade-77-85.pdf>. Acesso em: 26/08/2020.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. **Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, vol. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 26/08/2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Caderno de formação RBCE, p. 71-83, março de 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/105085>. Acesso em: 26/08/2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: A questão de gênero na escola**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989). Acesso em: 26/08/2020.

HERGESEL, João Paulo. **Adolescentes assexuais: quem são? o que sentem? como vivem?** Faculdade de Tecnologia de Bauru, vol. 08, n. 01, dezembro/2018. Disponível em: <http://www.fatecbauru.edu.br/ojs/index.php/rehute/article/view/312>. Acesso em: 26/08/2020.

MATTOS, Nathalia *et al* - **Cartilha BLEND**. Disponível em: <https://www.bayer.com.br/static/documents/cartilha-blend.pdf>. Acesso em: 20/08/2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume32\\_diversidade\\_sexual\\_na\\_educacao\\_o\\_problematizacoes\\_sobre\\_a\\_homofobia\\_nas\\_escolas.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_o_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf). Acesso em 30/08/2020.

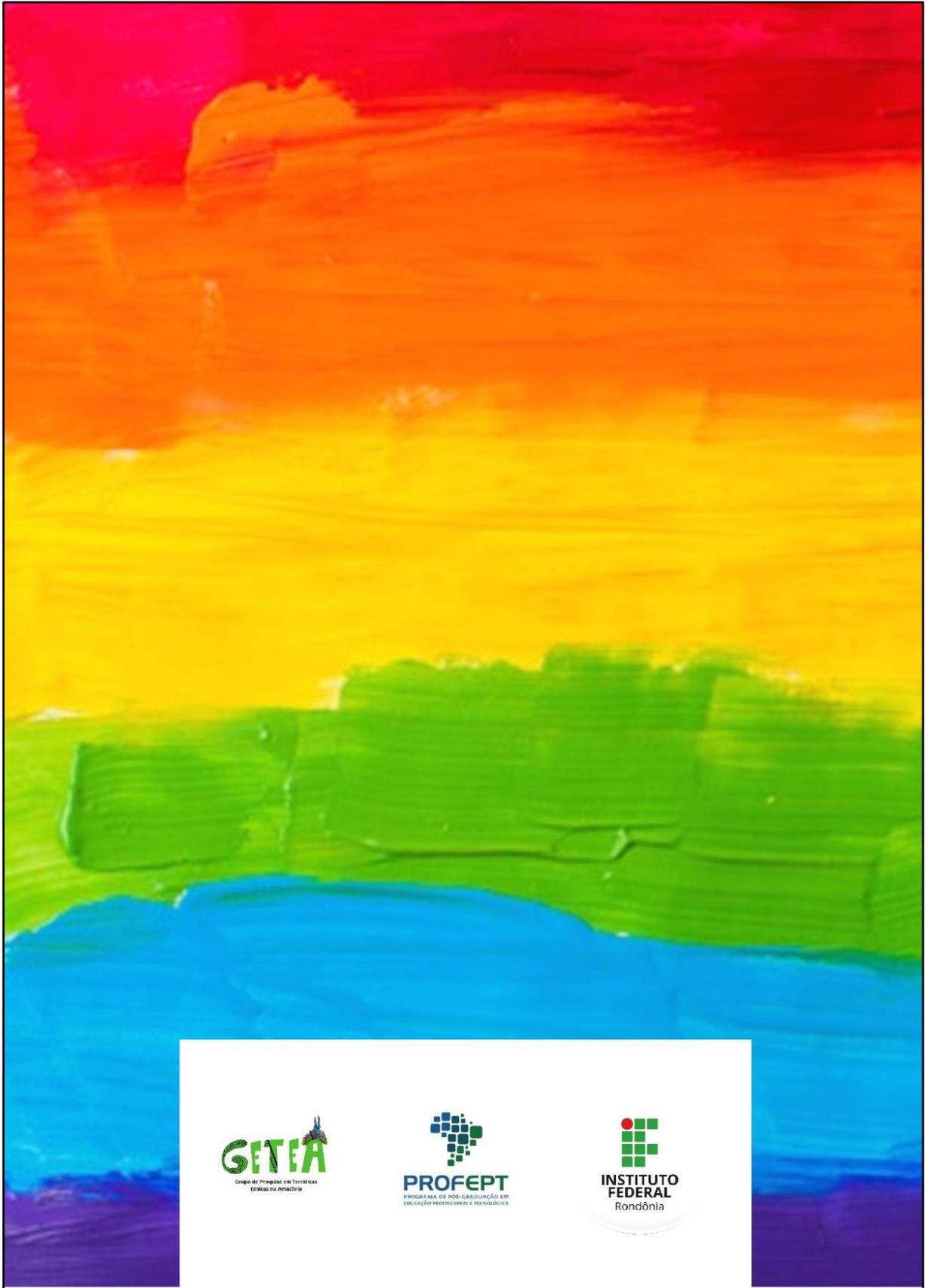
OLIVEIRA, Gabriela Aragão S. **Trabalhando a temática da co-educação nas aulas de educação física escolar**. Catálogo da Biblioteca On-line da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

RIOS, Roger Raupp; PIOVESAN, Flávia. A discriminação por orientação sexual. In: **Seminário Internacional: as Minorias e o Direito**. Brasília: Série Cadernos do CEJ, v. 24, 2001. Disponível em: <https://www.cjf.jus.br/cjf/corregedoria-da-justica-federal/centro-de-estudos-judiciarios-1/publicacoes-1/cadernos-cej>. Acesso em: 20/08/2020.

SÃO PAULO. **Diversidades sexuais e de gênero: guia de metodologias e atividades para o programa escola da família**. 2014. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/04/cgeb-diversidades-sexuais-e-de-gnero-n-14.pdf>. Acesso em 22/08/2020.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **(Re/des)conectando gênero e religião - peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17122019-153700/pt-br.php>. Acesso em: 27/08/2020.

THARP, Angela N. **Gender Spectrum Theory**. Forensic Science, Pre-Medical Biology, & English/Writing Faculty Mentor: Randall Horton. 2014. Disponível em: [https://www.newhaven.edu/\\_resources/documents/academics/surf/past-projects/2015/angela-tharp-paper.pdf](https://www.newhaven.edu/_resources/documents/academics/surf/past-projects/2015/angela-tharp-paper.pdf). Acesso em: 21/08/2020



### 1.3. Avaliação do manual pelas(os) estudantes

Após a construção do manual entramos em contato com as(os) estudantes que participaram da pesquisa por meio do número de watsap disponibilizados pelas(os) mesmas(os) no início da pesquisa por meio do TALE.

Foi enviado arquivo do Manual em PDF, juntamente com o link de acesso ao formulário de avaliação online criado pela pesquisadora a partir do google docs (apêndice M). Foi orientado as(aos) estudantes que lêssem o manual e depois respondessem ao formulário online para assim avaliá-lo. A avaliação do manual foi realizada por 25 estudantes que responderam ao questionário. As análises serão apresentadas a seguir.

Os gráficos 01 e 02 apresentam respectivamente os resultados relacionados a relevância da abordagem do tema diversidade sexual e de gênero na escola e quanto a utilização do manual como uma ferramenta de ensino e aprendizagem no ambiente escolar.

Gráfico 01 - Importância da abordagem pela escola de temas relacionados à gênero.

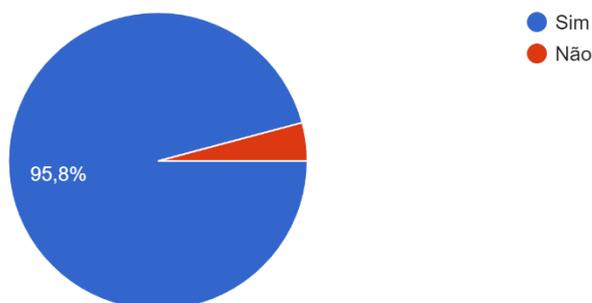
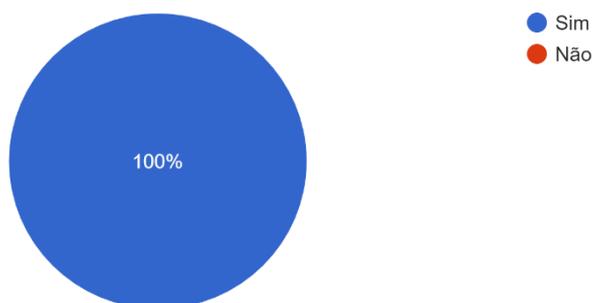


Gráfico 02 – Utilização do manual como uma ferramenta no auxílio do ensino e aprendizagem.



Na primeira análise (gráfico 01) tivemos como resultado o percentual de 98,5% de estudantes que consideram importante falar sobre relações de gêneros na escola. E todas(os)

(100%) consideraram o manual como uma ferramenta que pode ser utilizada como auxílio no processo de ensino e aprendizagem na escola (gráfico 02).

A exposição de questões de sexualidade e diversidade de gênero no ambiente escolar é necessária para que as(os) estudantes compreendam e conseqüentemente eliminem atitudes discriminatórias e estereotipadas. E neste contexto Ribeiro (2012) a diversidade deve ser vista e valorizada como um fator essencial para garantir a inclusão, promover igualdade de oportunidades e enfrentar o preconceito, discriminação e violência.

Gráfico 03 – Avaliação da estrutura do manual

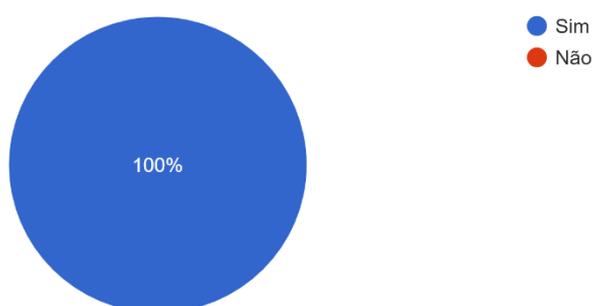
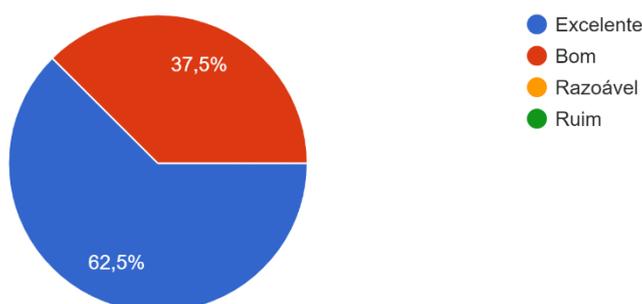


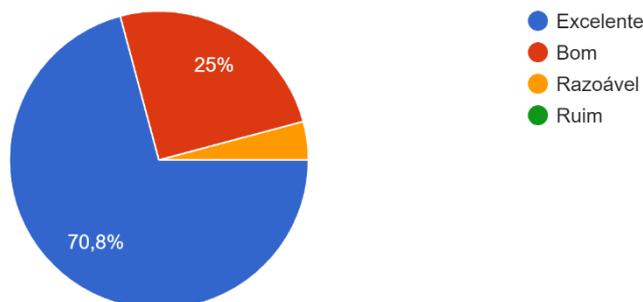
Gráfico 04 – Avaliação do conteúdo e linguagem do manual.



As respostas geradoras do gráfico 03 indicam que todas(os) consideram a estrutura apresentada pelo manual estar disposta de forma fácil e clara. A análise ao gráfico 04 mostra apontam que em relação ao conteúdo e a linguagem do manual 62,5% das(os) estudantes consideram excelente e 37,5% avaliaram como sendo bom. Em relação ao conteúdo do manual, 100% dos estudantes consideram como muito importantes para a melhora da convivência social na escola e que a diversidade sexual e de gênero são temas que deveriam ser conhecidos por todas(os) e de forma orientada para que se torne um assunto normal a ser tratado na escola.

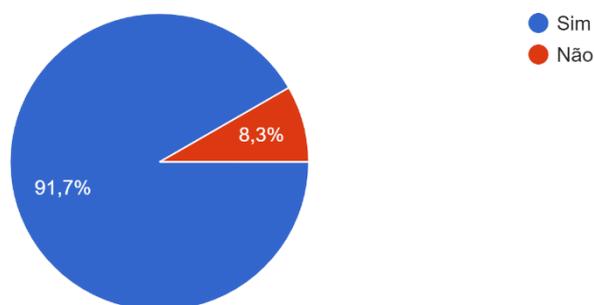
Os manuais pedagógicos partilham, como todos os livros desse tipo, o fato de reunir elementos essenciais de conteúdo específico e de apresentar linguagem e organização adequadas a um entendimento fácil para os estudantes (Catani e Silva, 2010, p. 1).

Gráfico 05 – Avaliação da organização e layout do manual.



O gráfico 05 mostra que a organização e layout do manual foram considerados Excelente por 70,8 % , Bom por 25 % e que 4,2% consideraram razoável.

Gráfico 06 – Utilização do manual pela escola como instrumento de apoio educacional,



Quanto ao uso do manual como instrumento de apoio 91,7 % das(os) estudantes gostariam que o professor fizesse a utilização dele em sala de aula e 8,3% disseram que não gostariam devido ao fato de considerar o manual com conteúdo simples e direto, sugeriram ainda uma edição futura pautada em abordagem mais filosóficas e alcançando pontos sociais mais profundos.

A última análise do questionário é baseada na avaliação do manual a partir de textos breves produzidos pelas(os) estudantes. E indica que 100% dos estudantes consideraram o manual como um material relevante e útil, que é apresentado de forma simples e didática, que abrange questões que geralmente não são abordadas na escola. Diante dessa perspectiva o manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual pode fornecer subsídios aos professores para que a temática possa ser inserida no ambiente escolar de maneira atrativa, descomplicada e abordada de forma mais natural possível.

## **1.4. Objetivos**

Este produto, tem como principal objetivo servir de material auxiliar no espaço educacional para auxiliar com informações e definições a respeito de questões de gênero presentes na escola e, assim, ajudar a contribuir para a diminuição de preconceitos e estigmas no ambiente escolar, sobretudo na EPT.

E apresenta como objetivos específicos:

- Possibilitar a difusão de conhecimento quanto a diversidade sexual, papéis, identidade e orientação de gênero.
- Viabilizar o entendimento de termos e conceitos relacionados à diversidade sexual e gênero.
- Contribuir para diminuir preconceitos e estigmas relacionados à diversidade sexual e gênero.
- Desconstruir mitos, tabus e estereótipos relacionados à diversidade sexual e gênero.

## **1.5. Procedimentos Metodológicos**

A idealização do Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual, aconteceu durante a realização de uma pesquisa participante com estudantes de 3º anos de cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia. A pesquisa foi realizada pela pesquisadora Julia de Souza Lopes Basso orientada pela professora Dra. Jania Maria de Paula e apoiada institucionalmente pelo Grupo de Pesquisa em Temáticas Étnicas na Amazônia— GETEA, sediado no IFRO- Campus Ji-Paraná.

O manual foi elaborado utilizando bases bibliográficos científicos e material produzido pelos estudantes participantes da intervenção, foram empregadas como estratégias metodológicas rodas de conversa, aplicação de questionários e realizações de oficinas sobre a tão importante temática de relações de gênero e diversidade sexual na Educação Profissional e Tecnológica – EPT.

A construção do manual foi realizada pela pesquisadora em colaboração com a orientadora e ocorreu após o período de intervenção com os estudantes e depois da sistematização de todo material científico e pedagógico relacionado a Gênero acumulado durante a pesquisa. Houve a colaboração externa para a estruturação e design do manual, pois, as pesquisadoras não detinham esse conhecimento. Foi necessário um período de três meses para desenvolvimento do produto.

## **1.6. Materiais Utilizados**

Para a construção do layout gráfico do manual utilizamos assessoria técnica por parte de um diagramador. Para a elaboração do projeto gráfico do manual foi utilizado o programa InDesign. O manual foi criado como um arquivo em PDF que poderá ser impresso em folha tamanho A4.

As fotos utilizadas para ilustrar o manual foram capturadas durante as intervenções da pesquisa por celular smartphone e fazem parte do acervo pessoal da pesquisadora. Os desenhos utilizados para ilustrar conceitos de termos foram criadas pelas(os) estudantes que participaram da pesquisa e fazem parte do acervo pessoal da pesquisadora.

## **1.7. Formas de utilização**

O manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual foi desenvolvido para ser utilizado pelo público com interesse em conhecer melhor as questões que envolvem respeito as diversidades de gênero. Recomendamos sua utilização em ambiente escolar, em especial a professores, técnicos e estudantes do ensino médio da Educação Profissional e Tecnológica.

Pode ser utilizado pelos docentes e técnicos para auxiliar estudantes da EPT na compreensão de definições de sexualidade e gênero na perspectiva da diversidade sexual a fim de contribuir para a diminuição de preconceitos e estigmas no ambiente escolar.

A leitura do manual pode servir, como consulta, para estudantes colaborando na compreensão e distinção de termos relacionadas a diversidade sexual e de gênero, para contribuir para desmistificações, diminuir preconceito e quebra de preconceitos.

## **2. IMPACTO SOCIAL**

Infelizmente a escola ainda é um espaço social considerado fonte de discriminações de gênero, étnico-racial, por orientação sexual, e ainda um ambiente onde são produzidas e reproduzidas a violência homofóbica (BRASIL, 2009).

Percebe-se assim que, os adolescentes trazem para dentro do espaço escolar suas experiências, memórias e expectativas relacionadas as suas vivências sociais. Fato é que espera-se que a escola esteja preparada para subsidiar com conhecimento científico situações em que aconteça algum fato desagradável de preconceito ou discriminação. Pois, compreendemos a escola capaz de transformar e transmutar esse indivíduo.

O processo formativo dos estudantes advém e contribui na transformação da reflexão e na maneira de se comportar. Neste sentido, a exposição dos conhecimentos oferecidos pelo manual no ambiente escolar, sobretudo na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), torna-se relevante, na medida em que se procura a realização de um processo formativo que possibilite ao estudante reconhecer e respeitar a diversidade sexual e de gênero.

Nesse sentido o Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual, quanto proposta de produto educacional, pretende apresentar e esclarecer conceitos e definições de termos relacionados a Diversidade Sexual e Gênero, a fim de que sejam utilizados para o tratamento de pessoas de todos os gêneros e diversidades sexuais, de modo a contribuir na desconstrução de padrões e estereótipos socialmente impostos ao masculino e ao feminino e, conseqüentemente, oferecer um tratamento mais igualitário e respeitoso àquelas pessoas que se encaixem nessa realidade.

Proporcionará a reflexão acerca de entendimentos distorcidas a respeito dos povos indígenas, percebendo que o pensamento estereotipado e discriminatório não condiz com a realidade. O impacto ocorrerá também a médio e longo prazo, pois os sujeitos presentes na escola, que serão os protagonistas da sociedade no futuro, terão oportunidade de acessar tais conhecimentos na sua formação.

Se mostra um instrumento que valoriza a diversidade sexual e de gênero por meio de conhecimentos embasados cientificamente, e assim podendo ser utilizado por docentes e técnicos como um instrumento de reflexão especialmente no âmbito da educação profissional e tecnológica. E da mesma forma, proporcionar, através de informações científicas e pedagógicas, uma leitura objetiva e de simples compreensão aos leitores, podendo gerar impacto social imediato.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Anthonie Mateus Magalhães; GONZALEZ, Wania Regina Coutinho. **Educação Profissional e Tecnológica: análises e perspectivas da LDB/1996 à CONAE 2014**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v. 24, n. 92, p. 719-742. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n92/1809-4465-ensaio-24-92-0719.pdf>>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação**. Brasília, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL (Org.). **Educação física e temas transversais na escola**. Rio de Janeiro: Papirus, 2017.

JESUS, J. G. **Trans-formações**: poder e gênero nos novos tempos. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero**. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992

**Apêndice M - Formulário para avaliação do manual pelos estudantes participantes da pesquisa.**

Olá. Apresento a todas e todos vocês o produto educacional que foi desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado realizada no IFRO: **O MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

Agora para concluirmos a pesquisa, gostaria que você avaliasse o nosso produto, respondendo às perguntas abaixo.

Qualquer dúvida pode entrar em contato: Julia Basso (69) 99956-1106 mestranda no ProfEPT IFRO .

- 1- Você considera importante falar sobre relações de gêneros na escola?  
 SIM  
 NÃO
  
- 2- Em relação ao manual desenvolvido na pesquisa, você acha que ele é uma ferramenta que pode ser utilizada como auxílio no processo de ensino e aprendizagem na escola?  
 SIM  
 NÃO
  
- 3- O manual desenvolvido tem a estrutura disposta de forma fácil e clara?  
 SIM  
 NÃO
  
- 4- Em relação ao conteúdo e linguagem do manual, eles são:  
 Excelente  
 Bom  
 Razoável  
 Ruim
  
- 5- Em relação a organização e layout do manual, eles são:  
 Excelente  
 Bom  
 Razoável  
 Ruim
  
- 6- O conteúdo do manual tem relevância no ambiente escolar?  
 sim Porque? \_\_\_\_\_  
 não Porque? \_\_\_\_\_
  
- 7- Você gostaria que o professor utilizasse o manual na escola como instrumento de apoio ao tratar do tema **Gênero**?  
 sim  
 não
  
- 8- Avalie o manual com um texto breve.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_